



IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO FAMILIAR NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL E CONSEQUÊNCIAS
DISFUNCIONAIS

Georgia Marin

Bento Gonçalves, 2022

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO FAMILIAR NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL E CONSEQUÊNCIAS
DISFUNCIONAIS**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Psicologia, sob a orientação da Prof^a. Dra. Magda Maria Colao.

Georgia Marin

Bento Gonçalves, 2022

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	7
Justificativa.....	7
Relevância.....	9
Tema.....	11
Problemas.....	11
OBJETIVOS	12
Objetivo Geral	12
Objetivos Específicos	12
REVISÃO DA LITERATURA	13
MÉTODO	37
Delineamento.....	37
Fontes.....	37
Instrumentos.....	37
Procedimentos.....	41
Referencial de análise.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Compilação de cenas da série Família Moderna	37
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Genograma familiar da série Família Moderna.....	42
--	----

RESUMO

As interações sociais, o ambiente familiar em famílias extensas, a formação de vínculos afetivos e a habilidade social do indivíduo transformam a maneira como ele se desenvolverá e verá seu entorno, percebendo que a questão biopsicossocial afeta as emoções, as atitudes e a psique ao longo da vida. Portanto, o presente estudo visa a busca da compreensão de como o vínculo familiar afetivo, na criança, pode influenciar sua personalidade, e também em como irá se desenvolver ao longo da vida. Nos objetivos, buscar-se-á uma análise da literatura sobre o desenvolvimento infantil e consequências do vínculo familiar não saudável na vida adulta, ilustração de movimentos e acontecimentos relacionados ao desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, e a busca sobre um desenvolvimento saudável. Na revisão da literatura, serão trazidos conhecimentos acerca de autores clássicos aos atuais, sobre a psicologia do desenvolvimento e a psicanálise, tendo em vista as mudanças sociais ocorridas ao longo da história, assim como sobre fases psicosssexuais, complexo de Édipo, teoria do apego, vínculos desde a infância e ambiente social familiar. A pesquisa realizada visou uma busca qualitativa em artigos, livros, artefatos culturais sobre o desenvolvimento infantil, conflitos advindos do mesmo em um ambiente de família extensa. Para aprofundar a reflexão sobre a temática escolhida, optou-se por construir, com dados coletados por meio da série Família Moderna e construída uma tabela de cenas na compilação de dados. As considerações finais sobre o tema buscam identificar o complexo de Édipo, em diferentes contextos, apontando para a necessidade do aprofundamento dos estudos acerca das novas constituições familiares, uma vez que, nesses casos, é importante a exploração e interpretação dos conteúdos inconscientes.

Palavras-chave: desenvolvimento; vínculos; família; estágios; relações.

INTRODUÇÃO

As mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, como as novas tecnologias, pesquisas, transições geracionais, questões de gênero, mudanças nas instituições sociais, nos comportamentos e nas relações, fazem com que as configurações familiar e cognitiva do ser humano se transformem desde o seu desenvolvimento.

O desenvolvimento infantil é um processo de aprendizado pelo qual as crianças passam para adquirir e aprimorar diversas capacidades de âmbito cognitivo, motor, emocional e social. A identificação e a descrição dos estágios de desenvolvimento são importantes para todos os profissionais de saúde e estudantes desse assunto.

É fundamental, para uma vida adulta em que o indivíduo seja capaz de exercer sua maior capacidade, de maneira a ter autoconfiança em suas atividades diárias, um desenvolvimento humano saudável. Desse modo, a busca por superar obstáculos e propor reflexões sobre as problematizações do desenvolvimento infantil, que afetam a construção da personalidade, são de extrema importância, visto que são a base para que o ser humano consiga ter uma vida e uma psique saudáveis.

Na pesquisa, buscou-se compreender, a partir da série *Família Moderna*, questões atuais, buscando subsídios na literatura clássica à contemporânea, na pretensão de atualizar questões por uma visão mais abrangente, condizente com as mudanças ocorridas, ilustradas na série.

Com isso, segue-se para uma análise a partir da literatura sobre os vínculos familiares, o desenvolvimento infantil, o desenvolvimento saudável da psique e consequências disfuncionais possíveis a partir desses cenários.

Justificativa

O desenvolvimento humano saudável é fundamental para uma vida adulta, na qual o indivíduo será capaz de exercer sua maior capacidade, de maneira a ter autoconfiança em suas atividades diárias. Desse modo, a busca por superar obstáculos e realizar reflexões sobre as problematizações do desenvolvimento infantil, que afetam a construção da personalidade, são de extrema importância, visto que são a base para que o ser humano consiga ter uma vida e uma psique saudáveis.

As interações sociais, o ambiente familiar em famílias extensas, a formação de vínculos afetivos e a habilidade social do indivíduo transformam a maneira como ele se

desenvolverá e verá seu entorno, percebendo que a questão biopsicossocial afeta as emoções, atitudes e a psique da pessoa ao longo da vida.

Portanto, o estudo que eu virei a aprofundar busca compreender como o vínculo familiar afetivo, na criança, pode influenciar a sua personalidade e também o modo como ela irá se desenvolver ao longo da vida. E, para além disso, o estudo do desenvolvimento (e suas nuances) nos ajuda a pensar como um sujeito no meio social e não apenas indivíduo por indivíduo, muitas questões que podem afetar o desenvolvimento de crianças e adolescentes talvez digam de funcionamentos sociais.

Na psicologia, os estudos das teorias da personalidade são extensos, além do vínculo familiar e da formação das habilidades sociais no desenvolvimento humano. Assim, percebe-se que este estudo abrangerá uma pesquisa aprofundada sobre como o desenvolvimento afeta o modo que o indivíduo se comportará na vida adulta.

Na busca por compreender o indivíduo como um todo, entendo que as fases iniciais da vida são fundamentais para isso, para o desenvolvimento, portanto, essa é a justificativa da minha pesquisa, problematizando os vínculos familiares na família extensa. Buscar-se-á entender se os vínculos afetivos são a base para a formação de um bom desenvolvimento, ou se o indivíduo tem a capacidade de se autogerir emocionalmente, contudo, trazendo atualizações a partir do artefato cultural.

No período de estágio no SEPA (Serviço de psicologia aplicada), no campus da Universidade de Caxias do Sul, em Bento Gonçalves, pude observar e atender crianças e adolescentes em diferentes contextos e idades, dos quatro aos dezesseis anos, além de adultos. Porém, o que mais chamou a atenção foi o fato de como os vínculos familiares, na família extensa, influenciam em como os indivíduos se desenvolvem e em como constroem a sua visão de si próprias e do mundo.

Os comportamentos e as formas como esses indivíduos lidavam com a falta de afetividade e de compreensão fizeram com que eu tivesse cada vez mais interesse em pesquisar a fundo o tema e a explorar questões atuais na sociedade. A escolha do artefato cultural "Família Moderna", se deu pela existência de uma diversidade em uma mesma família extensa que se ama, apesar das diferenças. Dentre essas diferenças, temos a de idade, geracionais, casamentos homoafetivos, familiares com culturas diferentes, dentre outros aspectos relevantes, vistos nos contextos atuais.

Não aprofundar este assunto pode fazer com que fiquem incompreendidas as funções das figuras familiares ou de apoio para o desenvolvimento da psique e da personalidade dos indivíduos, conforme novos modelos sociais vão se expandindo, deixando aberta a possibilidade de outras questões para compreender o ser humano como ser psicossocial.

Sendo este um estudo altamente influenciável conforme as mudanças da sociedade, pode e deve estar sempre em construção. Contudo, apesar de muitas outras questões terem acontecido após o final desta série, dentro dela podemos observar contextos já relevantes e que, muitas vezes, são vistos ainda como um “problema” ou como dificuldades familiares. No viés psicanalítico, encontram-se novos autores referentes à contemporaneidade no desenvolvimento infantil e vínculos familiares, trazendo aspectos clássicos da psicanálise em conjunto com estudos atuais acerca do assunto.

Assim, procura-se compreender o que torna difícil os relacionamentos nesta fase de desenvolvimento e o que é positivo para que se tenha uma evolução saudável.

Relevância

Levando em consideração as mudanças que a sociedade vem acompanhando, tais como novas tecnologias, pesquisas, transições geracionais, questões de gênero, transformações na natureza, velocidade de informações nas redes, mudanças nas instituições sociais, nos comportamentos e nas relações, a configuração familiar e cognitiva do ser humano tem se transformado desde o seu desenvolvimento, conseqüentemente. A transformação social ocorre pela necessidade de adaptar-se ao novo, a fim de garantir-se a sobrevivência como um ser social.

Bauman (2001, p. 39) ressalta que “[...] a apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna”. É somente com a modernidade que a ideia de liberdade individual ganha ênfase. Ser indivíduo é ter certa margem de liberdade de ação, margem que só se abre com a modernidade. O alinhamento da comunidade torna questões individuais irrelevantes. É somente com a modernidade que a liberdade individual se torna central e importante.

Ao perceber-se o indivíduo como um ser social e livre de suas escolhas, introduzido em vínculos afetivos e familiares, percebe-se a relevância de se estudar o assunto acerca das mudanças ocorridas na humanidade, como já trazido e citado por Bauman acima.

Conforme as mudanças ocorridas fomos nos adaptando e formando uma maneira de olhar para aspectos como a infância, diferenciando-a da adolescência, por exemplo. A primeira etapa da educação básica é a educação infantil, quando instituímos um sistema educacional para disciplinar que agora temos uma nova percepção, que tem por objetivo desenvolver a criança integralmente, considerando questões físicas, sociais, intelectuais e psicológicas. Assim, essa fase do desenvolvimento infantil é extremamente

importante, pois é quando inicia a jornada acadêmica e a formação da sua personalidade, o que pode acabar gerando anseios e preocupações, tanto para as crianças, quanto para os pais. Nessa etapa, o papel do professor, dos profissionais de saúde e dos familiares são fundamentais, pela necessidade do cuidado e de fazer a criança gostar de ir à escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9394, promulgada em 1996, ressalta que, nessa fase inicial, é essencial que os educadores trabalhem com atividades que desenvolvam os conhecimentos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais, para que a criança possa confiar em si mesma, sabendo comunicar e expressar sentimentos e emoções. (BRASIL, 1996).

Piaget (1973) evidencia que é a psicologia do desenvolvimento é um conhecimento básico, ressaltando que essa área permite o conhecimento de todas as fases do desenvolvimento infantil, oferecendo subsídios para o trabalho do educador e dos familiares, a fim de que possam atender aos indivíduos de forma eficaz, contribuindo para o sucesso da aprendizagem e do crescimento.

Do mesmo modo, Vygotsky (1984) também enfatiza que o desenvolvimento deve ser visto na perspectiva sócio cultural, de modo a perceber-se que a criança é um resultado da cultura e do meio em que está inserida. Pelas relações sociais, mediadas por adultos, para ser capaz de desenvolver processos mentais superiores: considera que é desse modo que acontece a aprendizagem. Segundo Piaget (2004):

A criança se adapta ao mundo de forma cada vez mais satisfatória. O processo de adaptação ocorre por meio de sub processos: esquemas (ações mentais ou físicas), assimilação (absorver algum evento ou experiência em algum esquema), acomodação (modificar o esquema a partir das novas informações absorvidas pela assimilação) e equilíbrio (criança luta por coerência tentando entender o mundo em sua totalidade. (p. 68)

A criança constrói seus conhecimentos e sua personalidade pois adapta, assimila, acomoda e equilibra na compreensão do todo. Portanto, as atividades e os vínculos que são constituídos são extremamente importantes para se obter uma base sólida para um desenvolvimento saudável; e estudando, desse modo, quais são as vias mais saudáveis para o indivíduo e as consequências disfuncionais, caso isso venha a ocorrer futuramente.

Certas crises no desenvolvimento, acompanhadas por incerteza, ansiedade e estresse, são vistas como normais, ficando dentro de uma expectativa associada à normalidade que é considerada, não significando, necessariamente, sinais de séria instabilidade ou doença mental.

Há uma mudança nas configurações familiares, com o passar dos tempos. No século XIX, o modelo patriarcal era predominante, ainda hoje sendo refletido, onde os vínculos eram consolidados e indissolúveis, monogâmicos, ligados à reprodução e ao prestígio social.

Já no final do século XIX e no século XX, a configuração do modelo moderno caracteriza os vínculos pela união através da paixão e com um relacionamento idealizado, diferentemente do XX em diante, no qual o modelo contemporâneo apresenta laços de escolha mútua, trazendo, em si, a possibilidade de serem dissolvidos. Desse modo, o desenvolvimento infantil será visto em diferentes contextos no estudo que se segue.

Tema

Busca pela compreensão biopsicossocial do indivíduo a partir de sua infância e reflexos dos vínculos afetivos familiares refletidos na personalidade na vida adulta.

Problema

Qual a importância de se ter um desenvolvimento saudável visto as dificuldades afetivas e relacionais familiares?

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Análise da literatura sobre desenvolvimento infantil e consequências do vínculo familiar não saudável na vida adulta.

Objetivos Específicos:

Abaixo, segue a definição dos objetivos específicos deste trabalho:

- a) Descrição e discussão sobre desenvolvimento humano a partir da literatura;
- b) Caracterização do desenvolvimento humano a partir da literatura e da relação com os vínculos familiares;
- c) Ilustração de maneira prática dos movimentos e acontecimentos relacionados ao desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, a partir da idade inicial, e consequências na vida adulta;
- d) Busca sobre um desenvolvimento saudável e reflexões sobre transtornos mentais possivelmente relacionados com o desenvolvimento infantil.

REVISÃO DA LITERATURA

O desenvolvimento infantil é um processo de aprendizado pelo qual as crianças passam, com a finalidade de adquirir e aprimorar diversas capacidades de âmbito cognitivo, motor, emocional e social. Ao conquistar determinadas capacidades, a criança passa a apresentar certos comportamentos e ações (como, por exemplo, dizer a primeira palavra, dar os primeiros passos, etc.), que são esperados a partir de determinada idade.

O funcionamento psíquico é baseado em uma interação complexa de elementos biológicos, psicológicos e sociais. Avaliando o estado psicológico e o comportamento de uma pessoa, dois fenômenos devem ser levados em consideração: o primeiro deles trata-se do comportamento ou estado emocional, sendo que os normais podem variar muito com a idade – o que é considerado normal, em um estágio de desenvolvimento, pode definitivamente ser considerado anormal em outro; o outro fenômeno é que o desenvolvimento psicológico não prossegue uniformemente, ocorrendo em estágios descontínuos, separados por períodos de mudança repentina ou de transição de um estágio para o outro.

A identificação e a descrição dos estágios de desenvolvimento são importantes para todos os profissionais de saúde e estudantes desse assunto. Aprofundar o conhecimento desses estágios permite uma melhor compreensão da estrutura dos padrões normais e os conflitos psíquicos esperados, bem como os limites entre saúde e distúrbios emocionais. É importante ter em mente que algumas crises de desenvolvimento, acompanhadas de ansiedade, incerteza e estresse, correspondem a expectativas normais e não são necessariamente sinais de instabilidade grave ou doença mental.

O conceito de normalidade é ambíguo (Kaplan, 1999), possui uma multiplicidade de significados e pode ser definido como um julgamento de valor, dependendo das normas culturais e dos valores e da época, dentro do contexto social. As principais referências que podem ser verificadas são: a normalidade como saúde, em que um comportamento é considerado normal quando não há nenhuma psicopatologia presente; a normalidade como utopia, em que ocorre um equilíbrio harmônico de diversos elementos do aparelho mental, que culmina no seu ótimo funcionamento; a normalidade como média, baseando-se no princípio matemático da curvatura de Gauss, sendo considerada uma média normal e extrema da curvatura como desviantes; e a normalidade como um sistema de transações, sendo resultante de sistemas de interação ao longo do tempo, englobando variáveis de origem biológica, psicológica e social.

Integrando essas perspectivas, o seu uso favorece a compreensão da pessoa como um todo, num corte transversal ou longitudinal de seu desenvolvimento, não utilizando

o conceito de normalidade como julgamento de valor, o que apenas contribuiria para uma simplificação e uma consequência, como o empobrecimento da compreensão do desenvolvimento humano. Trazendo informações desde os primeiros momentos da existência humana (Kaplan, 1999), percebe-se que, durante o ritmo da gestação, o cérebro do embrião humano adquire aproximadamente em vinte e cinco mil neurônios por minuto, desenvolvendo-se de maneira aparentemente caótica; e logo esses neurônios migram para destinos predeterminados.

Os principais circuitos neuronais são basicamente os mesmos em todos os mamíferos. O desenvolvimento do organismo tem origem em um único ovo fertilizado e culmina no indivíduo adulto. Nesse processo, a arquitetura dos circuitos neuronais é determinada pelos genes e por sua interação com o ambiente celular. Com isso, desde a gestação, já ocorrem momentos onde o cérebro vem a se desenvolver, sendo que é possível trazer questões e visões de diferentes autores para compreender a complexidade das relações no desenvolvimento.

A mais completa e sofisticada formulação dos aspectos psicológicos do funcionamento mental é fornecida pela psicanálise, disciplina estabelecida por Sigmund Freud (1856-1939) e desenvolvida por uma série de pesquisadores da mente, dentre os quais se destacam as contribuições de Anna Freud, Melanie Klein, W. R. Bion, D. Winnicott, Lacan, Margareth Mahler, Erik Erikson e, na atualidade, Otto Kernberg, André Green, Jean Laplanche, Hanna Segal, Janine Chasseguet Smirgel, Betty Joseph, dentre outros, sempre em ascensão, sendo alguns deles citados no trabalho.

A palavra *psicanálise* designa uma teoria do funcionamento mental, um método de investigação dos processos mentais inconscientes e um método de tratamento para transtornos emocionais. Como teoria do funcionamento mental, a psicanálise baseia-se em dois postulados fundamentais: o determinismo psíquico, ou princípio da causalidade, e a existência do inconsciente. O primeiro sustenta que todos os acontecimentos da vida mental são determinados, produzidos ou, ao menos, influenciados por eventos anteriores do desenvolvimento, tanto os que ocorreram imediatamente antes, quanto os que foram vividos no início do desenvolvimento.

Conforme Freud (1905), acerca das bases psicosexuais no desenvolvimento e as neuroses, por assim conseguintes aos seus estudos, foram estabelecidas cinco fases, que são desenvolvidas a partir das mudanças no corpo e maturidade, podendo configurar uma frustração em potencial, fontes de prazer ou fontes de ambas, tanto de prazer como de frustração.

Logo, a vida, dita em torno do prazer e da tensão, Freud usou o termo “sexual”, de forma geral, com o significado de todas as ações e pensamentos prazerosos. Assim,

todo o prazer vinha da descarga de uma tensão, que se devia ao acúmulo de libido, a energia sexual. O que se desenvolve é a maneira pela qual a energia sexual do id é acumulada e descarregada, à medida que se amadurece biologicamente.

Ao enfatizar os cinco anos iniciais do desenvolvimento da personalidade adulta, vistos como cruciais, o id, por ser inconsciente, gera um conflito entre os desejos frustrados e as normas sociais. Desse modo, o ego e o superego, que são parcialmente inconscientes, fazem a mediação com o mundo externo, controlando e direcionando as gratificações, sendo o ego aquele que representa o mundo externo e a realidade, procurando satisfazer os impulsos do id e questões morais do superego; e o superego representa as normas e ideais morais, podendo simbolizar a autoridade dos pais.

Os estágios psicosssexuais são associados a determinados conflitos, e diz-se que para avançar com êxito ao estágio seguinte deve estar já resolvido. Ao resolver o conflito, utiliza-se um gasto enérgico sexual, e ao gastá-lo, aumentam as características importantes do estágio, mais amadurecido psicologicamente.

Em alguns casos, os indivíduos não conseguem ir ao próximo estágio, dito como fixação, sendo o fenômeno em que uma parte da libido do indivíduo foi permanentemente “investida” em um estágio específico de seu desenvolvimento.

No primeiro estágio, a fase oral (do nascimento até o primeiro ano de vida), a libido centra-se na boca do bebê, colocando os seus prazeres orais como mordendo, chupando e amamentando. Já no segundo estágio, denominado fase anal (de um a três anos de idade), segundo Freud, a libido concentra-se no ânus, e a criança sente grande prazer em defecar, no treinamento do uso sanitário.

A quarta seria a fase fálica (entre os três e seis anos), sendo que a sensibilidade concentra-se nos órgãos genitais, e a masturbação torna-se uma nova fonte de prazer. Com a percepção da sua anatomia sexual diferente da de outros, desencadeia-se um conflito com atração erótica, ressentimento, rivalidade, ciúme e medo. Freud (1923) chamou isso de complexo de Édipo, nos meninos, e de complexo de Electra nas meninas, sendo resolvido na identificação com as características dos pais.

A fase seguinte, dita do desenvolvimento psicosssexual de Freud, é denominada como a fase de latência (dos seis anos à puberdade), sendo latente como “oculto”, significando que não há um desenvolvimento psicosssexual; a libido adormece, sendo que os impulsos sexuais são reprimidos. Na fase genital (da puberdade à vida adulta), o adolescente experimenta relações amorosas com outros, sendo o instinto sexual direcionado ao prazer obtido através do outro, em vez do prazer próprio.

Além dos dados clínicos, que permitem comprovar o princípio da causalidade, há crescentes evidências de pesquisas recentes que sustentam estarem as doenças mentais

da idade adulta relacionadas com situações traumáticas da infância. Ao longo deste estudo, ver-se-á que o autor que estabeleceu, de forma mais abrangente, a sequência de fases e suas tarefas evolutivas específicas foi Erikson, seguindo as formulações iniciais de Freud e ampliando-as, assim como J. Bowlby, com seus estudos de vínculos, tidos também como apego.

J. Bowlby (1989) considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos, ou seja, é um comportamento biologicamente programado, como o mecanismo da alimentação e da sexualidade, sendo considerado um sistema de controle homeostático, que funciona dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais.

O papel do apego, na vida dos seres humanos, envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação. De acordo com J. Bowlby (1989), o relacionamento da criança com os pais é instaurado por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam proximidade.

Com o passar do tempo, um verdadeiro vínculo afetivo se desenvolve, garantido as capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como a consistência dos procedimentos de cuidado, sensibilidade e responsividade dos cuidadores. Por isso, um dos pressupostos básicos da teoria do apego é de que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida.

O estado mental consciente diz respeito ao que Freud (1923) aponta sobre ser apenas a ponta de um iceberg, de reduzidas proporções face à imensa massa submersa. Não temos acesso direto ao inconsciente, mas aos seus derivados, vistos também como subjetivos – como os sonhos, os atos falhos, os sintomas e as manifestações emocionais e comportamentais, que se expressam na transferência.

Ao longo do desenvolvimento teórico da psicanálise, foram propostos vários modelos para tentar descrever o desenvolvimento da personalidade e o funcionamento mental. Os mais relevantes para a perspectiva de desenvolvimento serão resumidamente descritos na revisão teórica.

Sendo assim, Freud, em 1905, propôs a primeira teoria psicanalítica do desenvolvimento, apresentando estágios sequenciais do desenvolvimento sexual, em que postula não apenas uma teoria sobre o desenvolvimento sexual infantil, mas também uma teoria de interação entre constituição (sequências maturacionais inatas) e experiência.

As principais etapas do desenvolvimento infantil, estudadas pelo autor, foram a fase oral, a anal e a fálica, na qual acontece o que considerava o principal evento organizador do funcionamento mental, cujas formas possíveis de resolução

determinariam um maior ou menor grau de saúde ou doença mental: o complexo de Édipo.

Freud (1976) descreveu dois modelos principais de organização da mente. O primeiro, conhecido como teoria topográfica, no qual divide a mente em consciente, pré consciente e inconsciente. O consciente é constituído pelas ideias e sentimentos que estão em nossa mente a cada momento. O pré-consciente compõe conteúdos mentais que podem ser trazidos à consciência pelo simples aumento da atenção ou esforço de memória. E no inconsciente é onde os conteúdos mentais censurados por serem inaceitáveis se encontram, sendo reprimidos e não podendo emergir tão facilmente à consciência.

As evidências clínicas que Freud utilizou para comprovar a existência do inconsciente foram os sonhos e as parapraxias, lapsos ou atos falhos. O modelo estrutural passa a considerar a existência de três instâncias ou estruturas psíquicas na mente: ego, id e superego.

O ego é entendido como separado das demandas pulsionais, possuindo aspectos conscientes e inconscientes. O aspecto consciente é o órgão executivo da mente, responsabilizado pela tomada de decisões e pela integração perceptiva; e o aspecto inconsciente compreende os mecanismos de defesa como a repressão, necessários para defender o ego das pulsões poderosas da sexualidade (libido) e da agressividade, oriundas do id.

O id é uma instância psíquica totalmente inconsciente, que inclui as pulsões de vida e de morte, ou amorosas e agressivas, com a finalidade de descarregar a tensão provocada pela operação dessas forças. É controlado pelos aspectos inconscientes do ego e pelo superego, que incorpora a consciência moral e o ideal de ego. O superego é formado a partir das identificações inconscientes com as figuras dos pais e de outras pessoas significativas.

Na visão da criança, quando percebe o seio da mãe, o rosto dela e, por fim, a mãe vai sendo percebida como uma pessoa distinta, como fonte de alimento, de prazer e de vida, convertendo-se no primeiro objeto de amor do bebê.

Essa relação entre a mãe e o seu bebê foi descrita por Freud (1905) como uma relação sem paralelo, estabelecida de forma inalterável para toda a vida, sendo o protótipo de todas as relações posteriores. Pois essa relação primordial vai fundando o ego, que corresponde à instância à qual temos acesso consciente, e que se vai construindo ao longo do desenvolvimento.

Com isso, decorre um conflito psíquico, resultante essencialmente da luta entre poderosas forças inconscientes, que buscam expressão, e forças opostas, que impedem

seu surgimento. Isso se dá principalmente entre o id e o ego, embora possa envolver outras estruturas e a realidade externa, produzindo uma ansiedade de alarme ou ansiedade de sinal inconsciente, que põe em ação os mecanismos de defesa.

Assim, o conflito produz ansiedade, que resulta em defesa, levando a um compromisso entre o id e o ego. A partir do conflito surge o sintoma, constituindo uma formação de compromisso que, ao mesmo tempo, defende contra o surgimento do desejo proveniente do id e o gratifica de uma forma simbólica. Os mecanismos de defesa contra a ansiedade são de grande importância para a compreensão do funcionamento psíquico normal e patológico.

Em contraste com a teoria freudiana, porém complementando-a, Melanie Klein e colaboradores (apud Segal, 1975) descreveram um modelo privilegiando relações de objeto primitivas e as posições evolutivas esquizoparanóide e depressiva, bem como postularam que o conflito psíquico ocorre desde o início do desenvolvimento, considerando que o sadismo atua como um fator determinante no conflito mental.

A posição esquizoparanóide, ocorrendo nos primeiros meses de vida, é caracterizada por intensa ansiedade persecutória, despertada pela sensação de que a mãe ou partes dela estão divididas, por ação da agressividade inconsciente do bebê, e podem vir a ser perseguidores, vindos de dentro de si ou de fora.

Na posição depressiva, o bebê reconhece a mãe como um objeto total e é capaz de relacionar-se com mais tranquilidade e menos temor persecutório. A autora sugeriu que a presença de demasiada ansiedade, na infância, e predomínio de um superego primitivo e severo, podem conduzir a distúrbios no desenvolvimento do ego e a psicoses.

Propõe um novo mecanismo de defesa, a identificação projetiva, no qual partes do self ou eu de uma pessoa são projetadas na mente de outra, assim identificando-se com a parte projetada e passando a comportar-se ou sentir conforme esse aspecto do outro colocado dentro de si.

Seguindo a teorização kleiniana, Bion (apud Hinshelwood, 1989) descreveu com maior detalhamento a estrutura da mente, sugerindo que todo o desenvolvimento psíquico ocorre a partir das experiências emocionais vividas nos vínculos humanos; iniciando-se na relação mãe/bebê, em que a mãe emprestaria a sua capacidade de pensar (a mente) para compreender e transformar as emoções brutas do bebê em elementos psíquicos com significado, tornando-se continente para as emoções do bebê, constituindo a primeira relação transformadora continente contido.

Ao longo do tempo, o bebê identifica-se com esta função continente e transformadora da mãe e, desse modo, adquire uma função essencial, que o tornará capaz

de não apenas conter suas próprias emoções, como também de transformá-las em elementos psíquicos capazes de serem memorizados, sonhados e armazenados. Bion concebe que assim se constrói a mente humana; e a esses elementos, frutos da transformação, denomina elementos alfa, sendo que a função transformadora é chamada por ele de função alfa.

A mente oscila permanentemente entre dois estados básicos, Ps e D, ou seja, esquizoparanóide e depressivo, conforme descritos por Klein (1952), dando flexibilidade à mente e permitindo que novas experiências sejam assimiladas. Conceitua que, quando somos expostos a uma paradoxal experiência emocional, entramos em uma certa desorganização psíquica (Ps), e que, se pudermos tolerá-la, a seguir chegaremos a um novo estado, mais organizado (D), e tendo aprendido algo novo.

Sendo um dos psicanalistas americanos mais influentes, Erik H. Erikson (1963) amplia a teoria psicanalítica do desenvolvimento para além dos laços da família nuclear, focalizando o seu interesse para mais à frente das questões da importância das primeiras experiências do bebê e do romance familiar edípico, para o mundo mais amplo, a sociedade, onde a criança interage com amigos, professores, dentro do contexto da cultura onde vive. Erikson foi além de Freud ao descrever o desenvolvimento após a puberdade, contraditando a noção de que a experiência infantil é o único determinante de padrões de personalidade ao longo da vida.

Discorre que a pessoa evolui durante toda a vida, interagindo constantemente com o meio ambiente. Com a teoria voltada para o desenvolvimento do ego ao longo do ciclo vital, sendo o ego a ferramenta utilizada pelo indivíduo para organizar informações externas, testar percepções, selecionar memórias, realizar ações adaptativas e integrar capacidades de orientação e planejamento. Com isso, descreve oito estágios do desenvolvimento do ego, que abrangem desde o nascimento até a morte.

Cada um deles possui aspectos positivos e negativos, sendo marcados por crises emocionais e afetados pela cultura particular do indivíduo e pela sua interação com a sociedade da qual faz parte, como básico princípio epigenético, no qual cada estágio psicossocial serve como base para o subsequente; sendo que a personalidade continua a ser moldada no decorrer dos oito estágios seguintes, a saber: o sensorio-oral (infância), o anal-músculo, o genital locomotor, o da latência (idade escolar), o da puberdade e adolescência, o adulto jovem, o adulto e, por fim, a maturidade.

Hartmann (apud Kaplan e Sadock, 1999) e seus colegas da psicologia do ego propõem um modelo em que há matrizes inatas desde o início do desenvolvimento, áreas livres de conflito e uma busca de adaptação face ao meio. Dentro dessa linha teórica, M. Mahler (apud Kaplan e Sadock, 1999) propôs uma sequência de etapas que vai do estado

de simbiose ao de separação/individuação, pela observação empírica de crianças em desenvolvimento, discorrendo que a criança evolui de um estado autístico para um simbiótico, período em que o bebê ainda está ligado psicologicamente à mãe, como se fossem um só.

O objetivo final do processo é atingido em torno dos 36 meses de idade, quando a criança adquire a "constância objetal", apresentando uma relativa independência da mãe e podendo manter uma imagem mental estável da mesma. Já René Spitz (apud Kaplan e Sadok, 1999), com seu conceito de "organizador", diz que o primeiro organizador é a resposta do sorriso, em torno das primeiras seis semanas de vida, quando o bebê reage de forma consistente e repetida em resposta a uma face humana, como primeiro contato.

O organizador seguinte é a "resposta ao estranho", ocorrendo por volta dos sete meses de idade, com a criança reagindo ao evitar uma pessoa estranha em seu ambiente, sinalizando o vínculo com alguém específico (mãe ou cuidador). O terceiro organizador de Spitz é o desenvolvimento do "não", sendo sinalizada a presença de um ser separado, centro de desejos, que pode recusar algo utilizando o não.

O repertório de defesas utilizado por uma pessoa, para lidar com a ansiedade em situações de estresse, fornece uma contribuição decisiva para a formação de sua personalidade. O mesmo mecanismo pode ser utilizado em níveis diferentes de funcionamento mental.

Um bebê saudável captura a atenção de seus pais e cuidadores com suas manifestações de vida e sua necessidade de proteção, onde com seu fascínio são impelidos a protegê-lo e cuidá-lo, já constituindo vínculos. Os bebês vêm ao mundo cheios de aptidões e energia para fazerem face a um longo processo de aquisições e crescentes evoluções que compõem o processo do desenvolvimento.

Os avanços da tecnologia, especialmente a ecografia (Bronfenbrenner, 1986), tornaram possível perceber aspectos das experiências do bebê até mesmo dentro do útero de sua mãe; e observou-se que o comportamento do feto, durante sua vida pré-natal, tem continuidade após o nascimento. A interação entre o inato e o adquirido incute que certas experiências pré-natais tenham profundo efeito emocional sobre a criança, em particular se forem reforçadas pelas experiências pós natais.

É condição vital que o bebê tenha um pai e uma mãe ou outra pessoa que os substitua, caso contrário, não sobreviverá. Com isso, as relações entre o bebê e seus pais são pautadas por um grande número de sistemas reguladores.

A organização social opera por meio dos laços afetivos da família e dos padrões da organização cultural. A adaptação do bebê em desenvolvimento constitui-se de uma

sequência de transações entre o genótipo, o fenótipo e o ambiente, que originalmente é o útero da mãe; depois o rosto, o corpo, o colo, o cheiro, o olhar, somados à segurança e à alegria transmitidas pelo pai, presente desde o início. A expressão do rosto da mãe, a tensão ou a flexibilidade do seu corpo e a forma como segura o filho em seu colo são todas expressões de seu afeto perceptíveis pelo bebê.

Demonstrada acima uma abordagem do bebê normal, criado em um ambiente suficientemente bom, sensível e responsivo, presume-se, assim, que tanto a sua bagagem genotípica quanto a expressão fenotípica sejam predominantemente íntegras e saudáveis, resguardando características pessoais que fazem desse bebê um ser único.

No ambiente encontram-se os vestígios reguladores mais perceptíveis. Assim, são fatores preditivos de uma boa interação do bebê com seus pais e, conseqüentemente, de um desenvolvimento saudável: a motivação altruística do casal parental para ter o bebê, a história pessoal de cada um, o amor que os une, sua maturidade, a tradição de suas famílias de origem, várias gerações anteriores de saúde, solidariedade, capacidade de suportar frustrações, postergar prazeres imediatos e capacidade construtiva.

O desenvolvimento pleno de um bebê ocorrerá se contar com o amor de seus pais, que se expressa como uma relação que os estudiosos denominam de apego. Ainsworth (1963) identificou três estilos de apego (ou padrões) que uma criança pode ter com figuras de apego: seguro, evitativo (inseguro) e ambivalente ou resistente (inseguro).

Logo, conceitos psicanalíticos influenciaram a visão de Bowlby sobre o apego, em particular as observações feitas por Anna Freud e Dorothy Burlingham, acerca de crianças separadas de seus cuidadores durante a Segunda Guerra Mundial. Porém, Bowlby (1984) discorda de visões psicanalíticas de vínculos em recém-nascidos, como a "teoria da pulsão". Na sua visão, a psicanálise falha por não perceber o apego como um vínculo psicológico em seu próprio direito, mas sim como um instinto derivado da alimentação ou da sexualidade. Ele comenta que inúmeras linhas de desenvolvimento eram possíveis e o resultado de cada uma dependia da interação entre o organismo e o meio ambiente.

Percebe-se a importância da fala de Bowlby ao diferenciar as visões sobre os vínculos afetivos no desenvolvimento, assim tanto quanto ao apego, em que embora uma criança em desenvolvimento tenha propensão a formar vínculos, a natureza desses vínculos depende do ambiente em que ela está exposta.

Estudos derivados das teorias de John Bowlby, como de Ainsworth (1963) e Kaplan e Sadock (1999) ampliam a compreensão da transmissão transgeracional de padrões de relacionamento, apresentando a tendência à repetição de padrões de interação e de resposta afetiva nos relacionamentos familiares. À medida que esses padrões são

internalizados, formam o que Bowlby denominou de "representações internas" dos relacionamentos, como uma montagem de muitas formas específicas de interações.

Tais representações, uma vez estabelecidas, tenderão à estabilidade e à repetição inconsciente, caso nenhum outro fator influenciá-las no sentido de mudança. Observa-se como, muitas vezes, um bebê pode tornar-se, de forma inconsciente, o representante de figuras internas do passado dos pais, mesmo de algum aspecto repudiado ou negado deles próprios, com prejuízo para a relação e para o desenvolvimento desse bebê.

As compreensões geracionais mostram-se importantes, tendo em vista as mudanças sociológicas no contexto atual. Trazer a história geracional faz-se importante com as novas configurações familiares advindas dessas transformações. Com os *baby boomers*, que depois da segunda guerra mundial houve uma explosão demográfica, se consideram pessoas nascidas entre 1950 e 1960, sendo uma geração da jovem guarda, que buscava expressar o descontentamento devido à repressão e censura da ditadura militar, sendo que podem ser pessoas que hoje estão no poder.

Na geração X, visto que são nascidos entre 1961 e 1979, Weller (2010), já tiveram um maior preparo acadêmico, romperam com as gerações anteriores, buscaram seus direitos e dedicaram-se muito ao trabalho, sendo essa geração marcada pelo aparecimento da AIDS.

Complementando com a geração Y, os nascidos entre 1980 e 2000 (a geração da internet) são mais impulsivos, gostam de desafios, pensam em qualificação, são criativos, assim como precisam se sentir motivados no ambiente de trabalho e não hesitam em procurar outra oportunidade se não notarem reconhecimento, pois preferem adquirir experiência em diferentes áreas, de diversas empresas, do que trabalhar por anos em uma única empresa.

Estudos atuais revelam, sobre a geração Z, ou seja, aqueles que nasceram entre 2000 e 2010, após o surgimento da internet, e que desde pequenos já são familiarizados com todas as possibilidades da era tecnológica, que as principais características dos indivíduos Z são responsabilidade social, ansiedade extrema, menos relações sociais, desapego das fronteiras geográficas e necessidade de exposição de opinião. Contudo, novas modificações sociais podem vir a transformar essa questão.

Trazendo também a compreensão do trabalho de Selma Fraiberg (1980), psicanalista americana que desenvolveu técnicas psicoterápicas de auxílio aos pais e seus bebês, apresenta estudos em que, por meio de linguagem metafórica, refere-se a essas situações como "a intrusão de fantasmas do passado dos pais no quarto do bebê". Citando-a:

Todo quarto de criança abriga fantasmas. São visitantes que surgem do passado

esquecido dos pais. E, mesmo nas famílias que mantêm laços amorosos estáveis e fortes, esses intrusos podem romper o círculo mágico, e um dos pais e seu bebê podem ser surpreendidos repetindo um momento ou uma cena originários de outras épocas com outros personagens. (Fraiberg, 1980, p.387-421)

No momento do nascimento de um filho, os pais se deparam com suas expectativas vistas como uma fantasia na realidade, e terão inúmeras tarefas de ajustamento psicológico a cumprir. Sob condições favoráveis, a mãe, gratificada por sua habilidade de cuidar de forma adequada de seu filho e formar vínculo, estabelece maior autoconfiança e um novo nível de integração da personalidade. Suas próprias experiências e carências infantis podem ser revividas e corrigidas.

Na participação da criação dos filhos, o pai tem igualmente ajustes importantes a enfrentar, como um sentimento de exclusão frente à íntima relação mãe-bebê, acabando por reviver sentimentos de rivalidade e ciúme, que possa ter tido com seu pai ou irmãos na infância, relacionado a seu desejo de atenção exclusiva da mãe.

Na infância, a identificação do menino inicia-se com a mãe e sua maneira de cuidar e gerar filhos; um pouco depois, com o pai; e com essas diferentes identificações que vão constituindo a sua identidade de gênero. Com uma formação saudável e equilibrada, o menino pode identificar-se como um pai cuidador e também com a gravidez de sua mulher, não se sentindo excluído e invejoso de suas capacidades criadoras.

Pesquisas, como as de Bowlby (1989), evidenciam a importância da relação dos pais com seus bebês para um desenvolvimento saudável do indivíduo. Desse modo, as relações de apoio, cuidados e afetos, no início da vida, favorecem o desabrochar das qualidades inatas do indivíduo; mas caso sejam escassas ou não correspondam às necessidades do bebê, poderão acarretar sérios prejuízos à sua saúde. Já pela visão de Winnicott, o universo de pessoas é dividido em duas classes:

Aquelas que jamais se desapontaram enquanto bebês e, na mesma medida, são candidatas a viver alegremente e a aproveitar a vida. E aquelas que sofreram experiências traumáticas, provenientes de decepções com o ambiente, e que necessitam carregar consigo perpetuamente as lembranças (ou o material para as lembranças) do estado em que se encontravam no momento do desastre. Estas são candidatas a levar vidas tempestuosas e tensas e talvez candidatas a doença. (Winnicott, 1986, p.14-15)

Freud (1976) observou que as agressões ambientais, entendidas como desde as provocadas por uma doença sobre o embrião, até a violência de um pai sobre o bebê, a

morte prematura de um dos pais ou o abuso sexual, por exemplo, podem danificar, com gravidade diferente, o psiquismo, tanto no viés psicológico como no genético.

A teoria freudiana, acerca do desenvolvimento do psiquismo, aproxima-se do modelo fisiológico, no qual as forças instintivas como a fome, para que o bebê o faça de forma harmônica, exige que cada etapa suponha a resolução da anterior, de acordo com o princípio epigenético. A partir de seus estudos, continuaram sua investigação, modificaram-na e ampliaram-na, porém estão de acordo quanto à direção do desenvolvimento.

O bebê parte de uma situação de extrema dependência para uma situação de independência, de uma visão idealizada do mundo para uma visão mais realista, isso com o auxílio de vínculos afetivos. Desde o início da vida, já se manifesta uma característica psíquica própria dos humanos: a ambivalência.

No início, o amor dos pais manifesta-se pela absoluta doação, pelo oferecimento de tudo o que a criança necessita, permitindo-lhe a ilusão de que tudo será assim por toda a vida. À medida que a criança se desenvolve, os pais tendem a desiludi-la, propiciando um gradativo confronto com a realidade.

O desenvolvimento infantil acaba por ser um conjunto de aprendizados que, pouco a pouco, vai tornando a criança cada vez mais independente e autônoma. Margaret Mahler (1993), com sua contribuição à psicanálise infantil, a partir da técnica de atendimento de crianças, com base no método denominado tripartite, propõe três níveis em sua teoria do desenvolvimento psíquico, a saber: "desenvolvimento normal", "crises inerentes ao desenvolvimento" e "psicose infantil".

Ao comentar a etiologia das psicoses infantis, Mahler diz que o papel desempenhado pelos fatores hereditários, que atuam na estruturação da personalidade da criança, é de difícil percepção de onde se localiza o distúrbio grave na psicose infantil precoce; e se a causa foi por uma falta de empatia ou patologia materna, por grande desvio inato do ego do bebê, por uma inerente falta de contato com o meio ambiente ou por descabida necessidade de fusão parasitário-simbiótica com o adulto.

A autora desenvolveu uma teoria sobre o desenvolvimento psíquico precoce normal e a patologia da psicose, enfatizando a existência de momentos de perturbações naturais e inerentes ao desenvolvimento emocional precoce. Durante as fases, há períodos conflituosos e de crises, que na criança poderiam ser interpretados como patologia, porém não o são. Essas perturbações, para a autora, são transitórias e inerentes ao desenvolvimento, no qual o indivíduo ainda está imaturo emocionalmente, diminuindo com os cuidados maternos e, a partir disso, segue seu desenvolvimento normalmente.

Mahler (1982) divide o desenvolvimento emocional infantil precoce em fase anobjetal, chamada autística normal, fase de gratificação de necessidades, chamada simbiótica, e a fase de separação-individuação, que, por sua vez, é subdividida em quatro subfases: diferenciação, exploração, reaproximação e a caminho da constância de objeto libidinal.

A experiência psíquica em evolução também pode ser vista da perspectiva hipotética de Winnicott (1986), que identificou três áreas distintas: a interna, a externa e a intermediária ou área de ilusão ou transicional. Assim, quando o bebê tem fome e deseja satisfazê-la, se a mãe lhe dá o seio, a criança fica com a ilusão de que "criou" o seio.

Entre os 4 e os 12 meses, a criança passa a chupar uma fronha, se agarra a um pedaço de cobertor ou a um bichinho de pano, põe os dedos na boca, produz sons, se apega erradamente a esses objetos. Winnicott (1986) chamou tais fatos de fenômenos ou objetos transicionais, substituindo a ilusão primitiva por uma área intermediária. São uma defesa contra a ansiedade de separação da mãe ou contra as ansiedades depressivas.

Visto o desenvolvimento da criança e suas fases iniciais, preocupa-se também com sua educação na sociedade, buscando primeiramente relações entre familiares e amigos, dentro no núcleo familiar de família extensa e/ou nuclear e exposta ao ambiente escolar logo em seguida.

Para Mahler, o objeto permanente estaria relacionado ao conceito de permanência de objeto de Piaget, portanto, tendo uma distinção entre constância de objeto e constância de objeto libidinal ou emocional. De acordo com Piaget (1973), entre 18 e 20 meses, a criança já estaria com a constância de objeto internalizada, já o objeto libidinal não poderia, segundo Mahler (1975), ser comparado ao objeto de Piaget; para que haja uma constância do objeto libidinal, é necessário que, previamente, a criança tenha a habilidade psíquica da constância de objeto físico.

Para o observador, o objeto pertence ao mundo exterior, mas para a criança isso não é tão claro. Esse objeto transitório e, de maneira mais geral, esse espaço transicional constituem o lugar de projeção da ilusão, da onipotência e da vida fantasmática da criança; é, pela própria essência, o espaço do jogo na criança.

Depois do choro e do sorriso, surge um marco psíquico e comportamental: a reação ao estranho, ocorrendo por volta de seis a oito meses. As suas reações têm influência determinante sobre a maneira como a criança vai enfrentar uma situação estranha ou nova, permitindo-se a diferenciação entre o novo e o familiar, paralelamente à aproximação e exploração de novos estímulos; ou, num outro extremo, evitando qualquer contato e sentindo-se impedida de explorar o ambiente que a rodeia.

O padrão de relacionamento que se estabelece nessa etapa evolutiva é de

fundamental importância. Serve como modelo para interações posteriores, que se desenvolvem sobre bases psíquicas saudáveis ou comprometidas em diferentes níveis. Portanto, apesar da qualidade das vivências interativas iniciais, existe uma tendência para que se repitam em relações posteriores, fazendo com que o indivíduo mantenha tais padrões relacionais ao longo de sua vida, como já visto e estudado por Bowlby (1984).

No momento em que se incrementam os processos interativos, constitui-se uma época de transição, em que o apego e os comportamentos de apego começam a ser francamente exibidos, e quando se pode observar a intersecção entre características individuais e influência ambiental como formadoras do psiquismo e da conduta.

Novas experiências emocionais surgem, logo que a criança pode se movimentar, caminhar e engatinhar com maior independência, mas simultaneamente a mãe e os demais cuidadores precisam dar-lhe alguns limites físicos. Entre 10 e 13 meses aproximadamente, o bebê passa por mudanças rápidas a cada dia. O início da linguagem ocorre por volta dos 18 aos 22 meses, e a consciência reflexiva é acompanhada pela capacidade de pronúncia e uso adequado de um número cada vez maior de palavras.

Sincronicamente, aparecem as primeiras manifestações de consciência moral e empáticas com os sentimentos alheios. A criança passa a dramatizar e a exercitar sua parentalidade quando brinca com bonecos, sendo capaz de demonstrar, por meio deles, diferentes emoções; os brinquedos ganham vida e a participação do adulto é frequentemente solicitada em diversas brincadeiras.

O "não" eclode como definitivo nas mais variadas situações. A atitude negativista do bebê, nessa época, e suas mudanças repentinas de humor exigem modificações na organização do ambiente. A partir disso, a tolerância à frustração, aparentemente inexistente nessa ocasião, paulatinamente toma forma, e o exercício para a consolidação dessa capacidade psíquica contribui significativamente para a sua socialização. Aos 36 meses, aproximadamente, o bebê já possui, dentro de si, a base para seus relacionamentos futuros.

Concomitantemente, consegue expressar-se verbalmente com maior clareza e pode narrar fatos que acontecem na presença ou na ausência da mãe. Desse modo, ao final dos três primeiros anos de vida, a narrativa, juntamente com todo o mecanismo psíquico e cognitivo, conteúdo afetivo que acompanha a narrativa de um pequeno narrador, apresenta histórias de intensas emoções que, reais ou fantasiadas, buscam chamar a atenção dos adultos.

Todos esses movimentos evolutivos, conduzindo a um desenvolvimento saudável, parecem estar ligados ao tipo de apego que se estabelece desde o início da relação entre a mãe e o bebê. Não é possível definir exatamente os motivos que levam

aos diferentes tipos de apego, que podem ser identificados por volta dos 18 meses. Porém, pode-se dizer como preditoras do comportamento futuro a relação de aproximação e o distanciamento da mãe nesta fase.

Na presença de uma pessoa estranha, diante do afastamento e do retorno da mãe, algumas crianças manifestam um padrão de apego seguro, procurando-a em seu retorno e sendo facilmente confortadas por ela, mesmo tendo protestado à sua saída. A manutenção desse padrão de apego, em geral, favorece a adequação de relacionamentos posteriores, tanto na infância como na vida adulta. Por outro lado, alguns bebês demonstram um apego inseguro, que pode ser observado com diferentes manifestações.

As crianças que não reclamam o afastamento da mãe, evitando-a ao seu retorno e continuando a brincar como se nada de incomum tivesse acontecido, são identificadas como tendo um apego evitativo à figura de referência. O apego resistente, por sua vez, é manifestado pelos bebês que, quando a mãe sai, ficam muito aflitos e, quando volta, aproximam-se e afastam-se dela alternadamente. Tanto o apego evitativo como o apego resistente, quando persistentes, tendem a consolidar a busca de relacionamentos inseguros e instáveis, nos quais o indivíduo dificilmente alcança um padrão satisfatório de trocas afetivas baseadas em relações de confiança mútua.

Um quadro de apego pode ser identificado entre crianças que parecem confusas e com medo diante do afastamento e da aproximação de suas mães. Esse padrão é chamado desorganizado e parece frequente entre crianças maltratadas, filhos de mães deprimidas e crianças cujas mães sofreram perdas precoces de suas próprias figuras de apego.

Mães que tiveram apego inseguro com suas próprias mães tendem a repetir esse padrão com seus filhos. O prejuízo emocional dessas crianças, geralmente, é bastante evidente, sendo comum, entre elas, o desequilíbrio entre as diversas áreas do desenvolvimento.

Jean William Fritz Piaget (1896-1980), que trabalhou em uma escola e começou a observação do raciocínio das crianças ao responderem os questionamentos dos professores, percebeu e logo analisou seus filhos e, desse modo, subdividiu as fases da infância em quatro, no que diz respeito à cognição: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal, como já comentado anteriormente, sendo pesquisado sobre as etapas do desenvolvimento humano, a partir de vários vieses e visões de pesquisadores, com diversos conceitos básicos utilizados.

Segundo César Coll (2004), a psicologia, na educação, é apresentada como uma “disciplina ponte”, sendo tanto psicológica quanto educativa, acabando por tornar-se a ciência da educação, visto com um profissional para fazer a “ponte” entre a psicologia e

o ato de ensinar; e que pudessem melhor embasar a pedagogia, criando estratégias para o aprimoramento do ensino, de modo que acaba por não possuir um objeto de estudo em particular.

Klein (1974) estabelece, como o principal aspecto de seu método clínico, a interpretação profunda e consistente, reconhecendo que a criança, apesar de imersa nas relações com os objetos primários, tem plenas condições de estabelecer uma relação transferencial de imediato com um adulto estranho. Esse pressuposto fundamental foi também o que tornou plausível e até mesmo precisa a interpretação precoce, podendo até mesmo se ter, na primeira sessão, sobretudo na prevalência dos sinais de uma transferência negativa, tais como retraimento, ansiedade, desconfiança e hostilidade.

O método kleiniano recomendava que a transferência negativa fosse tratada por meios analíticos, sendo reconhecida e interpretada, para criar, dentre outros efeitos, sua modulação rumo à transferência positiva e ao estabelecimento da situação analítica. Ao trabalhar com crianças, a autora deixa explícito que o trabalho analítico, interpretando brincadeiras, desenhos e todo o seu comportamento significa liberar tanto as fantasias quanto a energia usada para manter a repressão.

Com a energia liberta, pode-se investir em novas direções, onde se incrementa a capacidade sublimatória, podendo atingir, pela análise, e visualizando na manifestação de novos interesses. O uso convicto e profundo da interpretação e da defesa de uma análise ajusta-se à concepção de Klein, a respeito do desenvolvimento superegoico ou moral da criança. Klein (1974) percebeu que, através das brincadeiras e do brincar, a criança “colocava em cena” ansiedades e fantasias que se reportariam aos primeiros meses de vida, despertando uma maneira para compreender o inconsciente infantil nos seus processos mais elementares.

Ter uma maior proximidade com os pais, com a escola e com outros especialistas, que por casualidade atendem a criança, faz com que o analista tenha uma melhor observação e interação entre a história singular daquela criança e as fantasias que são desencadeadas para dar conta de incógnitas que se colocam para ela. Sendo que, por conduta, tem-se frequentemente uma restrição nas intervenções, por mais tempo, aos personagens e ao roteiro da brincadeira no mesmo atendimento.

Na visão de Winnicott (1986), o processo advindo do símbolo forma-se da expansão dos fenômenos transicionais, como a expressão de si mesmo no criar e encontrar o mundo; e o bebê não existe enquanto unidade separada do ambiente, sendo assim, no seu nascimento, não se faz viável, para ele, o reconhecimento de um objeto, nem se relacionar com os objetos externos, diferenciando-se das teorias kleinianas.

O bebê, na sua imaturidade, está preparado e sofre uma pressão pelas

necessidades de sua existência a buscar algo que não sabe o que é, sendo que o autor afirma que, quando o ambiente, numa comunicação profunda e sutil com o bebê, fornece aquilo que atende às suas necessidades, a criança vive a experiência ilusória, em seu desenvolvimento, de que criou um objeto adequado às suas necessidades.

Segundo Spitz (2013), com a incapacidade de sobreviver sozinha ao primeiro ano de vida, a criança fica dependente de sua figura materna, que supre suas necessidades primordiais, resultando na relação complementar chamada díade, sendo que as experiências vividas durante a gestação até a hora do parto podem influenciar a criança de forma positiva ou negativa.

O bebê começa a demonstrar interesse por figuras semelhantes ao rosto humano, como com brinquedos, e se associa ao sorriso; os vínculos iniciam a partir do contato inicial com a mãe, fazendo uma transição da recepção para a percepção, do princípio do prazer para o da realidade, e estabelecem-se as primeiras formas de memória, sendo considerado o primeiro organizador da psique.

Para o desenvolvimento do psiquismo, segundo Spitz, é significativa a importância do estímulo do ambiente, porque o meio influencia seu desenvolvimento. Porém, não usufrui significativamente até que alguns desenvolvimentos biológicos não a tenham preparado para tais experiências, o que está correlacionado com a figura materna na vida da criança, vista como a que auxilia na construção da psique de seu filho, com o laço afetivo que é criado.

Contudo, para que a individualidade subjetiva se desenvolva, é preciso que este laço seja cortado em algum ponto, rompendo o elo narcísico. Em seus estudos acerca das relações vinculares e da formação do apego, por ter trabalhado em um orfanato, Spitz (1980) observa que os bebês alimentados e vestidos, que não recebiam afeto, nem eram segurados no colo ou embalados, apresentavam a síndrome por ele denominada hospitalismo, desenvolvendo dificuldades no seu crescimento físico, faltando apetite, ficando sem ganhar peso e, com o tempo, perdendo o interesse por se relacionar, o que levava a maioria dos bebês ao óbito. René Spitz descreveu, portanto, o resultado da ausência dos pais e do afeto como fator determinante no desenvolvimento com prognóstico reservado.

Já complementando com Bion e a teoria do desenvolvimento mental, uma das mais fortes do campo psicanalítico, sobre fenômenos mentais ainda anteriores aos edípicos como descritos por Freud e Klein, sendo compreensível a percepção do conceito de vínculos de amor, de ódio e de conhecimento (Bion, 1962/1966), que contemplam os três vínculos presentes na proposta freudiana do Complexo de Édipo. De maneira correlativa, Bion (1966) contribui à compreensão das questões edípicas e do Complexo

de Édipo, com os conceitos de situação edípica e de pré-concepção edípica.

Algumas vertentes psicanalíticas definem que todo o destino do homem estaria decidido desde a vida intrauterina, mas Freud acentua que há uma dinâmica a posteriori, relacionada aos acontecimentos passados, que muda ao longo da vida. Dessa forma, segundo Freud, o nosso mecanismo psíquico se estabelece por estratificação: os materiais presentes sob a forma de traços mnésicos sofrem, de tempos em tempos, em função de novas condições, uma reorganização, uma reinscrição.

Os traços mnésicos podem ser compreendidos como uma marca deixada por uma informação, no sistema nervoso central, podendo ser permanente ou temporária. Esses traços podem ser explicados segundo a teoria da representação: a relação entre os tipos de representação forma associações contidas nas representações de objeto; não é o vivido que é remodelado a posteriori, mas o que não pôde integrar-se plenamente no contexto significativo. O modelo dessa vivência é o acontecimento traumatizante.

Essa remodelação é acelerada pelo aparecimento de acontecimentos e de situações, ou por uma maturação orgânica, que vão permitir ao sujeito o acesso a um novo tipo de significação. Assim, a evolução da sexualidade favorece, pelas defasagens temporais que implicam no homem, o fenômeno do a posteriori.

Freud (1905) identifica que este recalque incide, preferencialmente, sobre a sexualidade, e extrai dois princípios importantes: o primeiro é constituído por uma cena sexual (sedução por um adulto) e não possui ativação ou significado sexual para uma criança; e o segundo apresenta analogias com o primeiro, somando-se o despertar sexual da puberdade, que pode ser ligado pela recordação do primeiro.

Freud adota o conceito de bissexualidade como uma disposição psíquica inconsciente, própria de toda subjetividade humana, uma vez que ela se fundamenta na diferença sexual. Na sequência, fundamenta-se no que leva cada pessoa a fazer uma escolha sexual, seja pelo recalque de um dos dois componentes da sexualidade (masculino e feminino), pela aceitação desses dois componentes ou pela renegação da diferença sexual.

Em suma, é nesta acepção que Freud incorpora, posteriormente, a bissexualidade como o resultado de identificações masculinas e femininas do Eu, e que irá intervir no destino do Complexo de Édipo. (Jorge, 2005; Mezan, 2006). A teoria da bissexualidade fundamenta-se, em primeiro lugar, em dados da anatomia e da embriologia. Em todo indivíduo, macho ou fêmea, encontram-se vestígios do aparelho genital do sexo oposto. Desses fatos anatômicos, decorre a noção de um organismo bissexual na sua origem.

A segunda maneira de entender o complexo de Édipo é de pensá-lo como completo, não partindo do menino, nem da menina, mas da bissexualidade. A ideia é que

o complexo de Édipo é bissexual, na medida que, seja o sujeito biologicamente menino ou menina, todas as relações são perfeitamente possíveis com as figuras parentais no plano da fantasia.

Portanto, anatomia não é destino; todo ser humano tem a possibilidade de passear livremente pelo masculino e pelo feminino, quando nos afastamos do sexo – ligado à atividade e à satisfação das necessidades fisiológicas – e entramos no registro do sexual – entendido aqui como o pulsional, uma série de excitações que envolvem todo o corpo, desde a infância.

Contudo, Freud aproximou-se mais da teoria bissexualista biológica, mas não definiu francamente a sua posição sobre o problema; ele próprio reconhece, em 1905, que a teoria da bissexualidade contém ainda numerosas obscuridades.

O autor Meltzer (1978) oferece uma leitura psicodinâmica para um envolvimento contextual, decorrendo que a inclusão é hoje uma dimensão inevitável em todos os processos de intervenção, incluindo a psicoterapia. Enfatiza a contribuição dos processos anais na formação do caráter e evidencia como uma combinação de fatores, valorizando o narcísico das fezes, as confusões em torno da zona anal (experiências vividas pelo bebê, tais como o afastamento da mãe, o desmame ou o nascimento de novos irmãos) contribuem para uma forte idealização do reto e de seus conteúdos fecais, e aspectos de identificação nos hábitos e fantasias anais baseados em identificação projetiva, já dita por Klein.

Os conteúdos, no reto do bebê, ficam confundidos com as fezes idealizadas da mãe, e o bebê começa a explorar seu próprio corpo, o bumbum. Então, se as suas nádegas são equivalentes ao seio da mãe, o bebê pode explorar seu próprio reto, auto idealizando-se, sem precisar depender do seio; ele se basta, se sente onipotente. Assim, a identificação projetiva é usada como defesa contra a dependência.

Como pseudomaturidade, Meltzer (1978) descreve sendo um distúrbio de caráter entre muitas pessoas inteligentes, bem dotadas e provavelmente bem sucedidas que procuram análise, permitindo que a criança se desenvolva bem e tranquilamente na vida acadêmica e social. Transformando sua visão com a pseudomaturidade sendo própria de um enclausuramento, no compartimento cabeça-peito, e reserva para o enclausuramento no reto da mãe os casos onde predominam o sadismo, a perversão, a adição e, sobretudo, os vínculos negativos.

Sendo Anna Freud (1936) influenciada por seu pai, Sigmund Freud, é uma das fundadoras do desenvolvimento infantil, expondo os mecanismos de defesa, que são um meio para o ego manejar a ansiedade psíquica e emocional. Observando as crianças e o curso do seu desenvolvimento, ela situou o normal e patológico, criando as linhas de

desenvolvimento e enfatizando a natureza do seu crescimento como contínuo e um processo cumulativo, percebendo que é possível avançar (dar andamento) ou ir para trás (regresso) ao longo do continuum.

Estabelecer um vínculo ocorre anteriormente à relação de apego, sendo este construído gradativamente e permeando as relações. Conforme visto por Bowlby (1989), o apego é uma conduta universal e inata existente nos bebês, o que propicia a aproximação e a manutenção com sua figura primária.

Observando sobre cuidados inapropriados na primeira infância, o desconforto e a ansiedade dos pequenos, relativos à separação dos cuidadores, levaram o especialista em psiquiatria infantil e psicanalista inglês John Bowlby a estudar as decorrências do cuidado materno sobre as crianças, em seus primeiros anos de vida. Bowlby ficou interessado pelas evidências de efeitos adversos no desenvolvimento, atribuídos ao rompimento na interação com a figura materna, na primeira infância. (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Dessa maneira, foi o pioneiro no estudo sobre o apego, inicialmente lidando com observação de animais e, na sequência, aplicando experimentos com crianças, na clínica de psicanálise, em Londres. Percebeu que as crianças internadas com distúrbios não poderiam ser separadas das respectivas mães sem que fossem substituídas por cuidados maternos simbolicamente, não sendo negligenciadas. Evidenciou que a ligação mãe-bebê é crucial para o desenvolvimento saudável da criança.

O psicanalista americano Erik Erikson (1998) argumentava que a personalidade se desenvolvia a partir da resolução de tensões entre várias etapas ao longo da vida, criando estágios iniciais de desenvolvimento; a partir de estudos de Freud, comenta sobre a importância das primeiras relações humanas. A vinculação com a figura materna é vista como impulso secundário, no qual o bebê conecta-se à mãe afetivamente, como consequência de esta ser o agente de suas satisfações fisiológicas básicas.

A perda do vínculo único com a mãe e a necessidade de um terceiro fazem com que o pai esteja presente. É necessário que o pai encontre uma forma de comunicação com o bebê, respondendo às necessidades deste. Além de participar dos cuidados, banhar, alimentar, brincar, sair com o filho, é importante que o pai reforce sua união com a mãe, oferecendo-se como uma fonte de identificação. É de fundamental importância, para essa etapa, as relações que o bebê tem com seus cuidadores e os vínculos estabelecidos com ele.

A criança, aos três anos, tem o dom de viver o momento e de maravilhar-se com o cotidiano, sendo ousada e se aventurando constantemente, mas ainda permanece o bebê que gosta de dar e receber afeição. Está se desenvolvendo para tornar-se um indivíduo

distinto, com maneiras próprias de agir e de se expressar. Mas nem tudo é felicidade na vida dessa criança. Ela é caprichosa, imprevisível e o seu comportamento pode ser difícil de compreender e complexo de manejar.

Erikson (1959) supunha que a construção da personalidade não se limitava às fases cruciais da infância, mas pela vida toda, focando no ego e considerando fatores externos, ambientais e culturais na formação psicossocial. As evidências de seus estudos garantiram uma corroboração com outras teorias fora da psicanálise, como a psicologia do desenvolvimento.

Analisando o ambiente social familiar, as suas interações e a forma como realizaram-se as primeiras aprendizagens da criança, pode ser possível inferir sobre como o conhecimento circula na família.

Verificando as questões atuais socioeconômicas e culturais, deve-se ao fato de estarmos vivendo em uma época em que os temas sociais estão particularmente marcados por paradoxos e contradições, e tais assuntos têm sido relativamente pouco abordados na literatura psicológica. Sabemos que a família e as suas transformações ocorrem em condições históricas determinadas, que têm fundamental importância para a compreensão profunda dos fenômenos estudados.

Referindo-se principalmente à classe média, mas procurando também orientar quem precisa entender o que se passa com famílias em outras situações de vida. Além das fases da família tradicional, foram incluídos outros temas que, por sua relevância na atualidade, se vêm como determinantes de um desenvolvimento saudável.

Na própria cerimônia do casamento, já é revelada potencialmente a maioria das características, dos conflitos e das complexidades da vida familiar ao longo do tempo. Quando dois adultos planejam seu casamento, não são apenas indivíduos, mas duas famílias, com suas histórias, tradições, expectativas e rede sociais. (Imber-Black, 1998).

Na atualidade, muitos desses rituais transformaram-se, principalmente a partir dos anos 60, pois eram muito rígidos e ajudavam a manter o *status quo*. O noivado, por exemplo, que era uma cerimônia que dava mais liberdade aos jovens, ao preço de um compromisso público formal geralmente exigido pela família, hoje ressurgiu de forma mais criativa e espontânea, com muitos casais montando suas próprias cerimônias, tanto de noivado quanto de casamento.

Portanto, é necessário compreender que as mudanças que se manifestam na vida dos indivíduos são fortemente influenciadas pela história trigeracional e também pelo meio social, cultural e econômico em que vive a família.

Historicamente, o processo de emancipação feminista, na segunda metade do século XX, por exemplo, com a luta por mais igualdade por parte das mulheres, trouxe

simultaneamente, para dentro dos lares, novas dificuldades matrimoniais, especialmente na área de distribuição do poder.

Observamos, atualmente, uma diversidade muito grande de constelações familiares: pais com seus filhos biológicos, crianças com padrastos e madrastas, avós morando junto com outras gerações, filhos adotivos, pais que nunca casaram, casamentos homoafetivos e assim por diante. Por exemplo, um pai pode criar uma filha perfeitamente ajustada sozinho, mas é desejável que exista uma outra pessoa disponível, emocionalmente significativa, que facilite a superação da simbiose entre ambos, que faz parte da evolução normal da relação. Por tudo isso, evita-se falar em "família normal" e presta-se atenção especialmente às singularidades e recursos próprios de cada situação.

A família está ficando mais complexa, pois o ser humano, buscando intimidade emocional e segurança afetiva, ainda não encontrou uma melhor forma de conviver e de criar filhos. A família mudou ao longo dos séculos e, mesmo hoje, encontramos realidades completamente distintas, como por exemplo na China, na Arábia Saudita e na Nigéria. Dentro de cada país, temos muitas diferenças, dependendo da geografia, da etnia, da cultura, da localização urbana ou rural e da classe social, apesar das semelhanças advindas da globalização.

Se, por um lado, precisamos ser sensíveis às singularidades de cada família, também temos alguns dados bem estabelecidos sobre o que é essencial para um bom desenvolvimento psicológico. O principal são adultos que se responsabilizem pelas demandas básicas dos filhos, no que diz respeito aos cuidados, amor e limites, sem deixar de lado suas próprias necessidades.

A estrutura e o funcionamento familiar modificam-se ao longo do ciclo da vida, para adequar-se às mudanças em seus membros e às vicissitudes da vida. (McGoldrick, 1994). À medida que o bebê cresce, as demandas modificam-se, mas continuam intensas na idade pré escolar. Todas as atividades da criança precisam ser acompanhadas, orientadas e supervisionadas com afeto e adequada colocação de limites. É uma etapa de rápido desenvolvimento, com a criança apresentando comportamentos que frequentemente são novos desafios para os pais, tendo-se, muitas vezes, que conciliar os cuidados com a exigência de ambos trabalharem fora e de continuarem estudando para o desenvolver das respectivas carreiras.

Esse é um período em que a definição das tarefas de mãe e pai e a capacidade de colaboração do casal são maximamente testadas. Os avós, nessa etapa, tornam-se especialmente importantes, pois podem auxiliar os pais a cuidar dos netos, assumindo algumas tarefas e facilitando a vinculação na família extensa tanto quanto na nuclear. Porém, é importante ter um bom diálogo entre as gerações, superando problemas

adversos singulares de cada meio.

À medida que os filhos crescem, a família gradativamente abre-se para o mundo externo, representado principalmente pela escola. Os cuidados de filhos, em idade escolar, exigem da família grande coesão e organização. A escola funciona como uma verdadeira vitrine da família, mostrando o que está indo bem e o que está indo mal. Por isso, é natural que seja a escola quem toma frequentemente a iniciativa de encaminhar a criança para atendimento com profissionais de saúde mental.

O início da adolescência é fortemente influenciado pelas manifestações da puberdade, na qual a maturação cerebral e a hormonal determinam um conjunto abrupto de mudanças corporais. Outro aspecto característico, também dessa fase da vida, deriva das capacidades cognitivas recém-adquiridas, principalmente no que se refere ao pensamento abstrato.

Assim, o impacto das mudanças físicas e a expansão das habilidades cognitivas desencadeiam as alterações psicológicas e sociais, que são, por sua vez, influenciadas pelo contexto social, histórico, cultural e familiar no qual o adolescente está inserido. Entre os 7 e 11 anos, ocorre o estágio das operações concretas, segundo Piaget (1999). A puberdade inicia-se neste estágio cognitivo. O pensamento é operatório, o que possibilita a atenção e a manipulação de uma vasta gama de informações, sendo que a criança já pode ver o mundo a partir da perspectiva de outros.

Piaget chamou de "estágio das operações formais" o que ocorre a partir dos 11 anos até o final da adolescência. O estágio recebe esse nome em razão de o pensamento operar de maneira formal, altamente lógica, sistemática e simbólica. As operações formais também são caracterizadas por habilidades em lidar com permutações e combinações.

O pensamento abstrato é demonstrado pelo interesse por uma ampla variedade de temas: filosofia, religião, ética e política. O pensamento hipotético-dedutivo é a mais elevada organização da cognição, permitindo a formação de uma hipótese ou proposta e sua testagem contra a realidade.

A época da puberdade tem sido considerada como fator de risco para doença mental, visto que a maturação puberal representa um momento de entrada no mundo adulto que, como um novo nascimento, desencadeia um processo adaptativo, incluindo o luto pela perda da identidade e do corpo infantil, bem como dos pais da infância, sendo capaz de exercer atividade sexual reprodutiva.

Isso tem como consequência, também, uma definição sexual e o abandono da fantasia de bissexualidade ou de poder pertencer a ambos os sexos, pois a busca do parceiro do outro sexo significa elaborar a fantasia da existência de ambos os sexos em

si mesmo.

Segundo Aberastury e colaboradores (1986), somente quando o adolescente consegue aceitar em si a existência de dois aspectos simultâneos, o de criança e o de adulto, pode começar a aceitar as mudanças do seu corpo; assim, começa a surgir a sua nova identidade. Muda a relação e o vínculo com os pais, que passam a apresentar características de relações adultas de igual para igual, ocorrendo a diminuição das idealizações e a aceitação de qualidades e defeitos, simultaneamente, em ambos os pais.

A fase pré-puberal caracteriza-se pelo surto de crescimento, iniciando-se as transformações corporais e, conseqüentemente, as psíquicas. As mudanças de tamanho e contornos impulsionam as crianças para a nova fase da vida que desponta: a adolescência.

A família é um dos "ambientes" ou uma das comunidades em que o adolescente normal circula ao longo de seu processo evolutivo. É fundamental que ele possa contar com esse refúgio, ao qual possa recorrer após suas incursões exploratórias no mundo extrafamiliar. É o momento do retorno para um reabastecimento (Mahler, 1979), para certificar-se de que não houve uma perda e uma ruptura real com os pais, que ele ainda os têm, embora de uma nova forma nesse novo momento da vida.

Os pais precisam ter a flexibilidade de aceitar esse retorno após terem sido desprezados e, em alguns momentos, até depreciados pelo adolescente. Deverão relacionar-se com o filho adolescente aceitando e respeitando os momentos de afastamento e os momentos de reaproximação. As famílias que não tiverem a maleabilidade de adaptarem-se a esta nova configuração familiar e forma de relacionamento com os filhos estarão fadadas a conflitos tormentosos nesse momento da vida.

Os pais de adolescentes enfrentam o florescimento da sexualidade em seus filhos, sendo necessário que a deixem seguir seu próprio curso de amadurecimento, sem pressioná-la em direção a práticas precoces. O processo adolescente tem uma dupla importância: é, por um lado, um momento que permite ao indivíduo amadurecer, revisar e reelaborar situações de sua infância e preparar-se para a vida adulta; e, por outro, um elemento renovador do processo cultural. A partir disso, segue-se para a análise do artefato cultural.

MÉTODO

Delineamento

A pesquisa realizada visou uma busca qualitativa em artigos, livros, artefatos culturais (seriado *Família Moderna*), como vídeos e filmes sobre o desenvolvimento infantil e conflitos advindos desse processo em um ambiente de família extensa.

Objetivou a reflexão sobre as direções que serão tomadas e percorridas para compreender o fenômeno dos vínculos sociais familiares, no desenvolvimento infantil, e a importância deste para um desenvolvimento saudável da psique.

Participantes ou fontes

A pesquisa foi realizada com base em artigos científicos, pesquisadores atuais e clássicos, livros de literatura e a série *Família Moderna*, que contém ilustrações sobre o assunto. O seriado foi gravado nos Estados Unidos, com onze temporadas e duzentos e cinquenta episódios, mas as cenas que foram retratadas estão demarcadas na tabela abaixo. Retrata o cotidiano de uma família complicada, divertida e amorosa, demonstrando o dia a dia dos personagens com humor, onde os familiares se reúnem principalmente pelo vínculo com o patriarca Jay Pritchett.

Instrumentos

Os dados foram coletados por meio da série *Família Moderna*, que mostra uma perspectiva sincera e divertida do cotidiano de uma família. Logo, foi construída uma tabela de cenas na compilação de dados que foram coletados do artefato cultural, como vista a seguir, de acordo com a Tabela 1:

Tabela 1
Compilação de cenas da série Família Moderna

Cenas	Trechos/falas da série a serem destacados	Comportamentos relacionados ao fenômeno pesquisado	Categorias de análise
Cena 1	Gloria: "De qualquer forma, pense em mim	Esta cena mostra Alex desafiando e	Vinculação com um membro da família

Temporada 1 (Episódio 3: 9min50s) Alex, netadrasta de Gloria, saiu para almoçar no shopping com ela e falaram sobre questões pessoais que Alex nunca teve muita abertura com mais ninguém	hoje como uma amiga, duas garotas que saíram para uma tarde divertida. Alex: O que você normalmente faz com suas amigas? Gloria: Ah, sei lá, a gente sai, conversa, bebe vinho. Alex: Posso beber vinho? Gloria: Não. Alex: Que amiga. Glória: Bom, você pode falar comigo sobre qualquer coisa. Alex: Sim, os adultos sempre dizem isso, mas eles não falam sério, quando minha mãe diz que posso perguntar qualquer coisa, na verdade eu não posso. Ela pira completamente. Glória: Eu não vou pirar, manda. Alex: Tá bom, com quantos homens você já dormiu? Glória: Oito, próxima. Alex: (faz cara de espanto)	tentando deixar sua vódrasta desconfortável, sendo que está entrando na adolescência e não tem muita abertura com a mãe. De uma forma descontraída, as duas se vinculam sobre assuntos pessoais e Alex fica surpresa com as respostas francas de Glória, demonstrando um certo espanto.	extensa sobre assuntos que não consegue se abrir e conversar com outras pessoas, mas que tem interesse. Busca por essa vinculação e informação também pela sua curiosidade adolescente.
--	---	--	--

Cena 2	Dede: Eu não sei o que aconteceu	Brigas físicas estavam	Dylan demonstra seu vínculo e interesse
Temporada 1 (Episódio 4: 12min20s) Ocorre uma briga familiar entre Dede e Glória e todos tentam amenizar a situação, até que Dylan, namorado de Haley, decide comentar sobre.	Dylan: Eu sei, quer dizer, parece muito simples pra mim, você está estendendo os braços tentando se agarrar numa coisa incrível Haley: Dylan, acho que é melhor você... Dylan: Olha, eu não estou acostumado com todo esse lance de família grande, na minha casa a gente nem se fala, e o mais engraçado é que na primeira vez que eu vi a Haley eu já sabia que eu gostava dela, é linda e tudo mais, mas não só isso, tem uma autoconfiança incrível, e é o tipo de autoconfiança que você só consegue tendo uma família como essa, que é passional e aceita os estrangeiros, e os gays e gente maluca também e isso é lindo,	acontecendo entre Glória e Dede (ex esposa de Jay, que é o atual marido de Glória) até que Dylan começa a falar e todos ficam reflexivos a partir de sua fala, e se vinculam emocionalmente com ele, visto que antes não gostavam dele e não queriam deixá-lo sair com sua filha.	por Haley na frente de sua família e ao mesmo tempo comenta sobre o amor incondicional (vínculo) que eles têm uns pelos outros e que deveriam se valorizar mais.

é uma família que realmente se ama.
 Claire (Mãe de Haley):
 Eu não acredito que vou dizer isso, mas eu acho que devíamos deixar ela ir com ele.

Cena 3	Mitchell: Se joga, é divertido, não é?!	Mitchell brinca com o bebê no colo, jogando-a para cima, mas acaba batendo sua cabeça no teto por um pequeno descuido.	Pais com primeiro filho ficam apreensivos por cuidarem da criança em desenvolvimento.
Temporada 1 (Episódio 6: 5min00s) Casal homoafetivo adota uma bebê e tem dificuldades nos primeiros meses.	Bebê: (dá risada) Cameron: Foi a cabeça dela? Mitchell: Não, porque se fosse a cabeça ela estaria... Bebê: (começa a chorar) Mitchell: É, foi a cabeça.		
Cena 4	Alex: Você sabia que a esgrima existe desde o Séc. XII? Haley: Sabe o que é mais nerd do que praticar esgrima? Saber quando surgiu. Manny: Eu não acho que você é nerd, Alex. Alex: Cala a boca, idiota.	Assistem como torcida, em família, seu primo Manny numa competição de esgrima e discutem por diferenças e ansiedades advindas da puberdade.	Relações entre primos e irmãos em estágios diferentes, como a puberdade e a infância.
Temporada 1 (Episódio 7: 1min00s) Família se reúne para assistir ao campeonato de esgrima infantil de um familiar.			
Cena 5	Haley: Acho que mereço um refrigerante	Jay sai de casa para supostamente	Novas relações e vínculos a partir da

<p>Temporada 1 (Episódio 8: 10min05s) Haley inicia um namoro e encontra o namorado escondido no jardim, enquanto está na casa dos avós, à noite, junto com seus primos.</p>	<p>Jay (avô): Olá, querida. Puxa, você me assustou. A lâmpada queimou, se não troca na hora, não lembra de trocar. Pronto, agora posso ver tudo que acontece por aqui.</p>	<p>trocar uma lâmpada e espera Haley sair depois que diz ir tomar um refrigerante, quando na verdade ela ia encontrar o namorado no jardim.</p>	<p>puberdade e adolescência para além do núcleo familiar.</p>
---	--	---	---

Fonte elaborada pela autora (2022).

Procedimentos

O método científico é constituído por pesquisas e bibliografia fundamentada na busca de conhecimentos da psicologia como ciência. Seguindo a linha de pensamento da pesquisa, o problema inicialmente citado fora levantado, no artefato cultural, sobre a questão da formação dos vínculos no ambiente familiar, expandindo a noção de família nuclear e ampliando-na para uma visão mais sistêmica.

Com isso, foram analisadas cenas do seriado *Família Moderna* e trazidas situações, nas cenas, descritas em tabela, relacionadas com o conteúdo, percebendo que, ao longo da série, o desenvolvimento dos personagens fictícios é demonstrado, assim como a percepção dos vínculos e relacionamentos dentro de uma mesma família, sem ser apenas no núcleo familiar.

Abaixo, na Figura 1, segue uma representação do genograma familiar da respectiva família pesquisada neste estudo:

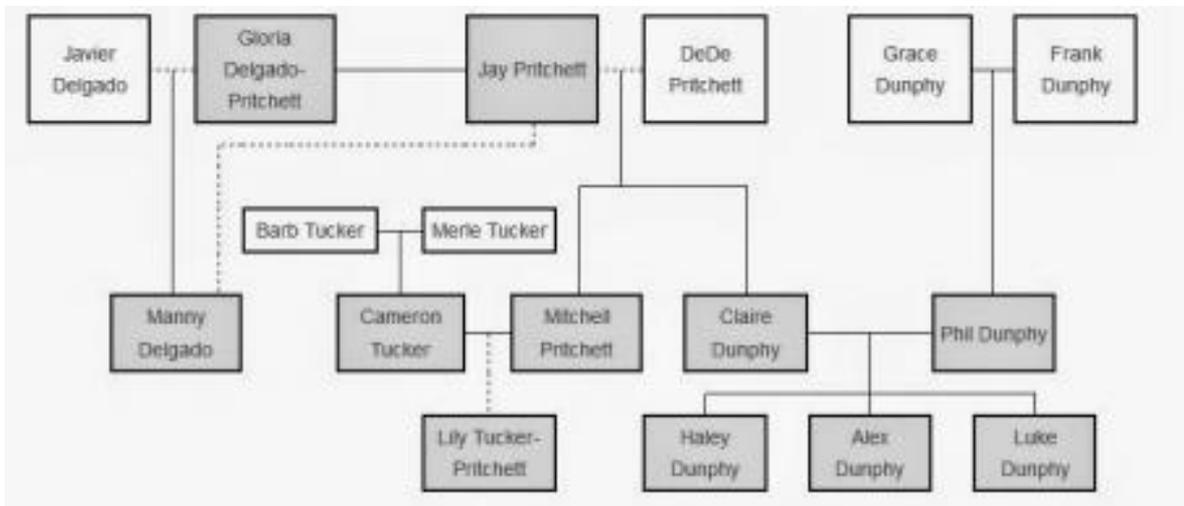


Figura 1: Genograma familiar da série *Família Moderna*

Lily é a filha adotiva recém nascida de Mitchell e Cameron, um casal homoafetivo que esteve junto por até então cinco anos, decidindo adotar Lily, uma bebê vietnamita. Com isso, na cena, percebe-se que o desenvolvimento da linguagem depende muito dos pais, particularmente de uma figura afetiva, que pode compreender a comunicação não-verbal do filho e que com ele interage constantemente. Todavia, nem todos entendem intuitivamente e nem todos são pacientes ou interessados, sendo que alguns podem criar seus filhos em relativo silêncio. Parece que a escassez desse contato afeta o desenvolvimento da linguagem e também o desenvolvimento intelectual das crianças.

Porém, Cameron é um pai muito afetuoso, e isso demonstra-se na cena três (3), na qual sem querer Mitchel bate com a cabeça de Lily no teto, visto que ele seria o pai menos afetuoso, por trabalhar fora como advogado e cuidar mais das burocracias da casa, diferentemente de Cameron, que passa seus dias em casa cuidando de sua filha.

Comentando sobre o senso de identidade de gênero, por volta dos dois anos, a criança desenvolve um senso, ou seja, de ser "menino" ou "menina", embora a identidade sexual não seja adquirida até a adolescência. É nessa fase, também, que ela adquire um senso de individualidade e autonomia. Torna-se consciente de suas próprias qualidades, estados e capacidades. A criança indica essa autoconsciência, reconhecendo a si própria no espelho e afirmando a sua posse de objeto.

Além disso, é dito por Freud, sobre a bissexualidade, rejeitando a ideia de uma constituição sexual baseada puramente em fatores biológicos, já que acreditava que fatores psíquicos influenciariam o desenvolvimento da sexualidade de cada sujeito. Foi o primeiro a aplicar a noção de bissexualidade ao nível psicológico, admitindo a bissexualidade psíquica como pressuposto constitutivo da sexualidade humana.

Os pais de Lily, como um casal homoafetivo, por vezes se veem em uma posição complicada, visto que muito se fala do papel da “mãe e do pai”, sendo o deles um novo modelo familiar, onde as adequações com base no afeto e nos vínculos criados são mais importantes do que qualquer predefinição de questões sociais parentais.

A criança muitas vezes imita comportamentos, mas menos frequentemente imita expressões emocionais, sendo mais provável que imite seus pais do que qualquer outra pessoa. Refletir-se e imitar são processos que auxiliam o desenvolvimento psicológico e do self.

O vínculo afetivo entre pais e filhos não é sempre harmonioso, já que, muitas vezes, é difícil solucionar os desacordos de forma satisfatória para ambas as partes. Esse conflito de interesses expressa-se com inusitada intensidade no período que vai dos 12 meses aos três anos de idade, e só voltará a instalar-se com a mesma força na adolescência. Gritos, atitudes desafiantes, agressão física e mau-humor são partes habituais da vida familiar quando há crianças dessa idade.

A firmeza dos pais dá à criança a segurança de que os adultos que ela ama sabem o que estão fazendo, e que ela pode confiar que farão o que é correto e adequado para ela. Cada aspecto do desenvolvimento da criança é influenciado pela presença ou ausência de uma base segura e pelo vínculo que se estabelece entre ela e seus pais.

A criança procura manter-se segura, ficando perto de uma figura afetiva, e quando se distancia desta, procura fazer contato visual com ela, a fim de averiguar se está fazendo uma exploração segura do ambiente. É essencial que os pais estejam prontos para agir, já que a segurança da criança depende da capacidade do adulto de prevenir qualquer risco.

O pré-escolar encontra-se em um estágio de cognição denominado por Piaget como pré-operacional., quando a criança utiliza plenamente a capacidade simbólica, distinguindo a imagem daquilo que ela significa, como um período de transição entre uma inteligência sem linguagem e sem conceitos (período sensório-motor) e a inteligência representativa (operações concretas e formais). O pensamento pré-operacional é estático, ou seja, a criança capta estados momentâneos sem juntá-los em um todo.

No início da fase pré-escolar, a criança já sabe quando é a sua vez de falar e quando é a vez do outro. A capacidade de simbolizar, base sobre a qual se constrói a criatividade humana, estabelece-se antes do primeiro aniversário, mas é durante a idade pré-escolar que a criança expressa suas fantasias com mais liberdade. A capacidade de brincar é um sinal da saúde mental da criança, comparável à capacidade de trabalhar do adulto.

Lily, em cenas seguintes a esta, pronuncia a primeira palavra no colo de uma amiga do casal, e a palavra é “mamãe”; isso deixou Cameron e Mitchell aflitos, tentando compreender o porquê do acontecido. A série relata, de uma forma leve e descontraída, porém nem sempre, se essas questões são bem elaboradas emocionalmente, visto que ainda são temas recentes a serem estudados. A contemporaneidade abrange diversas formas de conjugalidade, flexíveis e igualitárias, e dentre elas encontra-se o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Kaës (2014) discute o tema da vinculação entre os indivíduos, por meio da discussão acerca das alianças inconscientes, que podem ter um caráter estruturante, defensivo ou ofensivo, destacando o papel do negativo na formação das alianças.

Existem variados estudos acerca das implicações da transmissão psíquica geracional na conjugalidade, como nas situações nas quais a conjugalidade surge antes da parentalidade (Merli, 2012), sobre a influência da transmissão psíquica no estabelecimento do vínculo conjugal (Paiva & Gomes, 2012), considerações sobre este fenômeno na parentalidade de casais homoafetivos (Rodriguez et al., 2015; Santos & Gomes, 2016), e até estudos acerca de indivíduos que optam pela não construção de um vínculo amoroso. (Zanetti & Gomes, 2013). Porém, nem sempre há um foco na transmissão psíquica de casais na conjugalidade não atrelada ao exercício de funções parentais.

Trazendo a continuidade do desenvolvimento infantil, segundo Erikson (1976), há três fases na evolução dos jogos da criança. A primeira ocorre na "autoesfera", quando a criança explora sensações relacionadas com seu corpo ou com as pessoas que se ocupam de seus cuidados corporais. Na "microesfera", a criança faz uso de pequenos jogos representativos, mediante os quais exterioriza suas fantasias. Já na "macroesfera", a criança utiliza suas relações com os adultos e aborda o processo de socialização.

Durante a brincadeira, é importante observar o jogo das crianças e ouvir as fantasias verbalizadas, pois ambos são meios de comunicação psicológica, ou seja, expressam os conflitos contidos no mundo interno. Melanie Klein (1974) considerou o jogo como método essencial para o tratamento psicanalítico das crianças, estabelecendo as bases de sua utilização nos tratamentos psicológicos.

A brincadeira representa não só a satisfação dos desejos, mas também um triunfo e domínio sobre a realidade frustrante, graças ao processo de projeção dos perigos internos sobre o mundo externo. Assim, ao brincar, representam suas fantasias de vida amorosa dos pais e de si próprios, o nascimento do filho.

Erikson (1998) não deu ênfase à centralização do impulso sexual, focalizando, em seu lugar, o surgimento gradativo de um senso de identidade. Em sua teoria, considera

que cada estágio do desenvolvimento humano está ligado a uma determinada tarefa social e chamou esses estágios de "psicossociais". A criança pratica suas novas habilidades cognitivas e tenta conquistar o mundo ao seu redor.

Já sobre o conceito de identidade de gênero, é visto que não faz parte da teoria de Freud sobre o desenvolvimento psicosssexual, pois ele acreditava que o desenvolvimento psicológico era essencialmente o mesmo para ambos os sexos até a fase fálica, divergindo apenas com a descoberta das diferenças anatômicas pela criança, o fato de que os meninos possuem um pênis e as meninas não.

Suas referências à masculinidade e à feminilidade estão baseadas na sexualidade infantil e não incluem as contribuições do desenvolvimento das relações de objeto, do sentido do self, do superego e do ego. Para ele, a inveja do pênis ou complexo de masculinidade era o centro da psique feminina, ao passo que a ansiedade de castração era central para o menino.

O conceito de identidade de gênero, sendo mais amplo e multidimensional, refere-se a uma configuração psicológica que combina e integra a identidade pessoal e o sexo biológico, e para a qual as relações de objeto, os ideais do superego e as influências culturais fazem contribuições significativas. As bases da diferenciação sexual são evidentes desde o nascimento.

Freud (1905), em seus textos sobre a teoria psicosssexual, disserta sobre a bissexualidade originária, que se expressa por meio do sentimento de ambivalência afetiva (amor e ódio por todos os objetos), sentimento este que tem de ser transformado para que se institua a criação de laços sociais entre as pessoas. Isso implica renúncia ao narcisismo, à onipotência, e aceitação do outro como separado do eu.

Conforme visto na revisão bibliográfica, percebe-se que, muitas vezes, é por meio de um narcisismo exacerbado (posturas onipotentes, arrogância e intransigência em relação ao diferente) que o sujeito defende-se da angústia de castração, deflagrada diante da necessidade de transformação da bissexualidade originária.

Em 1964, Stoller cunhou o termo "identidade de gênero nuclear", referindo-se ao "senso fundamental de pertencer a um sexo", à "consciência" de que se é macho ou fêmea, estando tipicamente consolidada em torno dos três a quatro anos. Em termos emocionais, esse senso de pertencer a um sexo é valorizado, de modo que a criança experimenta confiança e segurança em ser um menino ou uma menina.

Em muitas crianças, em torno dos quatro a cinco anos, há um aumento do comportamento estereotipado do papel do gênero, acompanhado por ideias culturalmente definidas sobre o papel de cada um deles. Esse processo evolui até a consolidação da identidade sexual na vida adulta, quando o indivíduo poderá definir-se como

heterossexual, homossexual, bissexual, etc. Essa autodefinição está usualmente de acordo com o que é experimentado como eroticamente atrativo e tipicamente não se consolida antes da adolescência.

Com base nessas teorias e conhecimentos, buscou-se um entendimento sobre questões do desenvolvimento infantil e sobre os vínculos familiares, como consequências psíquicas futuras, visto uma nova configuração familiar.

A família com filhos adolescentes passa por transições, nas quais, na adolescência, são reivindicados os privilégios do adulto, que vêm junto com as responsabilidades. Porém, para isso, o adolescente necessita sentir que controla aspectos importantes da sua vida, como a aparência física, a escolha de amigos, os horários, o dinheiro. Esses são temas típicos de conflito com os pais, que precisam de muita flexibilidade e bom senso para responder ao adolescente.

Como visualizado no artefato cultural, na Cena 1 e 4, em que Haley e Alex passam por essa transição da puberdade e adolescência, conversando e se interessando por diferentes questões, como roupas, meninos, assuntos sexuais, conflitos de diferentes aspectos, como uma estudar mais e ser mais introspectiva (Alex) e outra ser mais sociável (Haley).

Os pais, em geral, sentem-se sem parâmetros sobre como agir com os filhos neste período. Os piores problemas ocorrem nas famílias rígidas, quando o adolescente quer só os privilégios, e a família insiste principalmente nas responsabilidades. Apesar da tensão do conflito normal das gerações, o adolescente que está bem, tem bom desempenho escolar e convive com a família em relativa harmonia, como em relação a Haley, Alex e Luke, por mais que seus pais Phill e Claire passem por momentos de estresse, todos se respeitam e convivem harmoniosamente.

O adolescente que nessa fase apresenta graves sintomas, por exemplo, já vem com uma longa história de problemas psiquiátricos (Waldemar, 1983), o que não seria o caso de nenhum personagem estudado. O movimento das gerações faz com que seja frequente que, na adolescência dos filhos, o casal enfrente a crise da meia-idade, e os avós aposentados comecem a apresentar problemas de saúde concomitantemente. (Falceto, 1996).

Para os pais, a crise da meia-idade é um momento de pausa e reflexão, em que se avaliam os rumos que a vida tomou. Sentem-se ainda suficientemente jovens para mudar, mas receiam que, se deixarem a oportunidade passar, pode ser tarde demais. Por isso, pode haver um novo pico de divórcio nessa etapa, daqueles casais que vinham mal e estavam deixando os filhos crescerem para tomar uma decisão.

Quando a situação encaminha-se bem, o casal renova a relação conjugal com

mais atividades criativas, espirituais ou de lazer, podendo ficar emocionalmente em contato próximo com os avós, como acontece no seriado. A família está sempre unida e trocando contatos, viajando ao longo do passar dos episódios, o que demonstra que, por mais que tenham dificuldades afetivas, os vínculos permanecem de maneira saudável e as relações de apego também são consideradas seguras.

Isso libera os jovens para encontrarem o seu espaço de liberdade e de experimentação. Um dos mais instigantes desafios atuais às famílias com adolescentes é a questão da nova sexualidade dos jovens, que trazem seus namorados para dormir em seus quartos, na casa dos pais, os quais, mesmo sendo da geração que iniciou a revolução sexual, precisam, junto com seus filhos, criar suas próprias regras a fim de responder a essa nova realidade cultural.

Desse modo, ilustrando com a separação dos avós da *Família Moderna*, a netadrasta de Glória, Alex, demonstrou interesse na vinculação com ela, visto que poucos do seu núcleo familiar pareciam compreendê-la e conversar com ela de forma mais madura, trocando ideias sobre assuntos relevantes, como a sexualidade. Descobrir-se e buscar novas relações, dentro de uma mesma família ou com novos amigos, como já visto anteriormente, é normal na fase da puberdade e da adolescência.

Piaget (a1937no) afirma que a linguagem leva à socialização das ações, ou seja, a linguagem conduz a criança à passagem do pensamento individual para o vasto sistema do pensamento coletivo, uma vez que se constitui em um veículo de conceitos e de noções que pertencem a todos. Com isso, podem ser ocasionadas brigas e conflitos, visto a formação da identidade dos jovens.

Jay e Dede separam-se antes mesmo do seriado iniciar, trazendo questões afetivas nos encontros subsequentes, como quando o namorado de Haley, Dylan, comenta à família, na cena dois (2), sobre como a sua convivência familiar é escassa e como percebe que eles, por mais que estivessem brigando por mágoas do divórcio, ainda se respeitavam e se queriam bem.

Logo, já com a saída dos filhos de casa e o "ninho vazio", como resultado do prolongamento da estadia dos filhos na casa dos pais, essa fase pode começar quando o casal já está além dos 60 anos. Mesmo assim, com a idade média da vida subindo, as dificuldades tomam a vida social

A aposentadoria, além de mudanças financeiras, traz comumente uma diminuição do prestígio pessoal, como é visto pela vida que Jay leva, casando-se pela segunda vez com uma mulher mais jovem, entre 30 e 40 anos, trazendo crises na sua identidade e tendo um estilo de vida diferente de sua esposa Glória. Estava com a sensação de ninho vazio e traiu seu ex-esposo Dede com Glória, com quem se casou posteriormente.

Conforme já visto na cena cinco (5), o avô Jay sentiu este ninho vazio, porém de uma forma distinta, visto que, com seus 63 anos, casou-se com uma mulher bem mais nova que ele, com um filho ainda criança, porém aparentemente muito maduro. Por mais que ele sinta esse sentimento de que os filhos saíram de casa, ainda tem um outro núcleo familiar para quem rege sua atenção e gera novos vínculos, mesmo que com diferentes culturas, visto que eles são colombianos e ele é um americano dono de uma empresa bem sucedida e conservador.

Na cena, é dita a relação dele com sua neta Haley, que começa a namorar; e ele cuida dessa situação como se fosse sua filha quando era adolescente, mantendo os mesmos padrões de comportamento e vinculação.

Por mais que a família de Jay seja unida, que seus dois filhos morem perto e estejam sempre em contato, sente-se como se estivesse vivendo uma nova jornada, agora com sua maior idade, aposentadoria e vinculação com um “novo filho” de outro pai, mantendo os de sua família do casamento anterior.

O casal precisa reacostumar-se a viver de diferentes formas, cuidar de sua saúde e procurar novas formas de socialização, visto que, com Jay, a sensação de ninho vazio possa tê-lo feito pensar que seria melhor para ele um novo casamento. Muitos têm prazer em continuar ajudando os filhos, enquanto outros sentem isso como sobrecarga.

Percebe-se um grande número de divórcios no século XXI, aumentam os números e torna-se complexo por vários fatores: o aumento da longevidade, as mudanças no papel da mulher e a diminuição da natalidade. Existe, também, a aceitação de diferentes padrões de normalidade: as famílias homossexuais, os casais que não querem filhos, diferenças de gerações e as famílias binucleares pós-divórcio.

Com isso, torna-se possível a correlação com a cena dois (2), em que a família se encontra com os avós separados, Jay casando-se com outra mulher. Os filhos de Jay e da ex esposa Dede casam-se com outros respectivos cônjuges e têm seus próprios filhos.

Historicamente, a infância, como se conhece hoje, foi construída ao longo do século XVIII, entre outras razões, com a criação da escola; a adolescência é um produto do século XIX; enquanto que o conceito de mulher independente e valorizada surgiu plenamente na segunda metade do século XX.

É possível que, no século XXI, presencie-se cada vez mais o surgimento de novas configurações familiares e sociais, com o aumento das interconexões criadas pelos casamentos monogâmicos seriais, consequência do alto índice de divórcios. (Waldemar, 1996). Incompatibilidades entre marido e mulher sempre existiram, mas hoje as pressões sociais para se continuar casado são bem menores.

As mulheres estão mais independentes, tomando a iniciativa do divórcio. Numa

separação, os sentimentos de perda são muito grandes e, quando há filhos, é muito comum o casal viver mal por um longo tempo, até que o desenlace final ocorra. No processo de divórcio, são comuns os sentimentos fortes de fracasso, frustração, raiva e desejos de vingança. Como visto na cena dois (2), em que a ex-esposa de Jay acaba por discutir com a família, e o namorado de Haley intervém comentando emocionalmente sobre.

Segundo Kelly (2000), o argumento dos pais, de ficarem casados pelos filhos, contradiz os estudos que mostram que as crianças que vivem em um ambiente de conflito marital crônico são mais problemáticas do que aquelas cujos pais se separam relativamente bem.

A família de hoje vive em uma época de grandes paradoxos, com os meios tecnológicos para acabar com a fome no mundo e nunca tantos estiveram na miséria, pois falta-nos uma nova organização social, que maximize os frutos do progresso científico.

A fase de latência, dita por Freud (1905), diz que as mudanças do período intensificam os laços e vínculos com os amigos da vizinhança e da escola, sendo que meninos e meninas agora se distanciam, reunindo-se em grupos quase que antagônicos. A competência é o sentimento principal, que resulta de uma ação eficaz, e esta impulsiona a criança para a resolução da crise básica da fase, estudada por Erikson (1963), em que a industriiosidade (capacidade de uma ação efetiva) ou a inferioridade (fracasso nas ações) se instala.

O equilíbrio da latência é concretizado quando são dados os passos em direção à resolução do Complexo de Édipo, estruturando, dentro da criança, capacidades crescentes de empatia e intersubjetividade. A identificação com os pais torna-se parte da evolução da personalidade do latente. A criança, na latência, estabelece com os pais um relacionamento em um grau ótimo de neutralidade.

É muito comum encontrar pais tristes porque os filhos não relatam suas experiências na escola, na casa de amigos, sentindo-se agora desprezados. Esse movimento em direção ao mundo é fundamental para a elaboração da ansiedade de castração, permitindo ao latente a experiência de obter reconhecimento pelo valor das suas ações e o mérito de sua produção pessoal. O temor ao incesto conduz o pré-adolescente a buscar outros modelos de identificação fora do âmbito familiar - demonstrado nas cenas dois (2) e cinco (5), com Haley, o namorado Dylan e seus familiares.

Coloca em dúvida seus valores e sua onipotência, retirando dos pais o investimento afetivo idealizado e redirecionando seus impulsos a outras pessoas, ampliando, assim, seu universo relacional, tentando encontrar novos modelos com os

quais possa se identificar.

A busca por outros princípios tem o sentido de deixar a ligação inicial, fazendo novos vínculos e caminhando em direção a uma identidade própria. A possibilidade de resolução edípica e a abertura para novos investimentos afetivos e identificações são enriquecedoras para o sujeito, favorecendo sua individuação.

O antigo interesse pelo próprio corpo dirige-se agora para a curiosidade pelo corpo do outro. A criança faz aderência social e fica apta a aprender. Abre-se, com a escola, a possibilidade de uma formação efetiva de laços de amizade e a avaliação de seu self em relação aos outros. A socialização, na latência, depende dos desenvolvimentos afetivos e cognitivos anteriormente citados. Concretiza-se, então, a passagem da constância objetal, da fase anterior, para uma constância comportamental.

Ocorre uma lenta e progressiva substituição dos padrões iniciais familiares pelos seus próprios padrões. Nesse momento, é muito importante o desenvolvimento cognitivo que, avançando (saindo do egocentrismo e da magia), permite a compreensão de regras sociais e a cooperação no grupo. A criança elabora um juízo moral que envolve consenso e negociação social. Em termos de empatia, chega à fase da empatia com sentimentos do outro.

Embora o processo de formação de identidade de gênero se inicie aos três anos, nessa fase, ele é muito influenciado e moldado pela escolha de papéis, modelos, amigos e pela socialização. Os hormônios retomam progressivamente sua atividade a partir dos sete a oito anos, nas meninas, e dos nove a dez anos nos meninos.

A maior consciência da sexualidade aparece com um aumento na modéstia, na vergonha, na insatisfação e no incômodo com os temas ligados a ela, visto na cena quatro (4), onde Haley e Alex discutem por estarem em estágios diferentes, sendo Alex aparentemente na puberdade e Haley já na adolescência, brigando uma com a outra pelas suas diferenças. A resolução da crise da latência está ligada ao desenvolvimento de uma relação com o mundo externo, com uma consciência maior de autorregulação, recompensa e competência social, emocional e cognitiva.

A puberdade (do latim *puber* = adulto) é uma fase do ciclo vital biológico que abrange um conjunto de mudanças corporais, causadas por hormônios, tais como crescimento das mamas, mudança de voz e primeira menstruação, e está intimamente relacionada com o processo de crescimento físico e maturacional.

É um processo de maturação lento e progressivo, quando comparado com outras mudanças biológicas que ocorrem durante a vida e também com características mais dramáticas, devido a sua magnitude.

Referencial de Análise

Para o referencial de análise, foram utilizados, para pesquisa de delineamento qualitativo, a pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, autores clássicos e contemporâneos, acerca dos assuntos abordados, compreendendo a identificação, localização, compilação e fichamento das informações e ideias mais importantes de um texto.

Segundo Minayo (1994, p. 26 apud Lakatos & Marconi, 1990, p. 15), a pesquisa tem a seguinte definição:

É um labor artesanal, que não se prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos, técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo particular. A esse ritmo denominamos ciclo de pesquisa, ou seja, um processo de trabalho espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações. (p. 15)

Considerando-se o aspecto constitutivo de um campo científico pelos termos que o representam, por um lado, e por outro, a necessidade de organizar a grande diversidade nela abarcada, adotando-se um vocabulário controlado, temos que admitir a necessária continuidade deste estudo. A análise temática e a reflexão dela decorrentes contribuirão para a elucidação do domínio dos vínculos afetivos, numa perspectiva atual, assim como para a construção e consolidação dos estudos na área.

Desse modo, foi possível encontrar uma situação problema para o início da pesquisa, para assim realizar uma análise temática, envolvendo a busca a partir de um conjunto de dados, uma série de textos e livros, a fim de encontrar os padrões repetidos de significado para se obter maior conhecimento científico acerca do assunto tratado. *Família Moderna* é uma série de televisão norte-americana, em forma de documentário e humor familiar, criada por Christopher Lloyd e Steven Levitan para a American Broadcasting Company. Foi exibida por 11 temporadas, de 23 de setembro de 2009 a 8 de abril de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, as considerações finais dos resultados e discussões sobre os temas acima referidos, de vínculos familiares no desenvolvimento infantil, apontam para a necessidade do aprofundamento dos estudos acerca das novas constituições familiares que podem surgir e que, a cada novo dia, podem vir a serem alteradas, uma vez que, nesses casos, é importante a exploração e interpretação dos conteúdos inconscientes.

Apesar de descrever algumas novas configurações e questões de vínculos em uma família extensa, percebe-se que a questão do complexo de Édipo fora determinante na construção da linha de pesquisa, mas não apenas isto. Todavia, desde o que é visto por Bowlby (1989), que evidencia que a ligação mãe-bebê é crucial ao desenvolvimento saudável da criança; os apegos que transcorrem ao longo da vida, em diferentes formas e adequações, até perceber que Erikson supunha que a construção da personalidade não se limitava às fases cruciais da infância, mas pela vida toda, focando no ego e considerando fatores externos, ambientais e culturais na formação psicossocial.

Sendo um estudo vasto em questões do desenvolvimento infantil, da modulação da psique, da maturação e maturidade, das relações em família e entre amigos/colegas; e na busca de outras vinculações, mas também abordando as mudanças ocorridas na sociedade que, por fim, desde as teorias psicosssexuais de Freud e outras citações suas, vêm a ser relevantes até os dias atuais, em diferentes contextos.

A questão da bissexualidade, vista por Freud, é dita como "ofusca e embaralha nossa visão sobre a natureza das escolhas objetais primárias" (1923, p177.). A elaboração da bissexualidade é, portanto, crucial e determinante para o destino de Édipo, quando de sua dissolução e a formação do seu herdeiro, o superego. Citando o psicanalista italiano Massimo Recalcati:

Há uma inversão na cadeia geracional. Não são os pais que guiam as crianças, são as crianças que guiam os pais, poderíamos dizer no nosso tempo [...] O nosso tempo é um tempo que dissocia a renúncia do sentido. Não há nenhum sentido na renúncia, mas nosso tempo também é o que iguala a diferença simbólica entre as gerações. Os pais se assemelham cada vez mais aos seus filhos, falam como os filhos, se vestem como os filhos, brincam com os mesmos brinquedos dos filhos. Até mais, poderíamos dizer que estamos diante de uma espécie de revolução antropológica. (Recalcati, 2018)

Com isso, é possível perceber, também, a relação entre pais e filhos ao longo da

construção de uma sociedade contemporânea, que se encontra em constante transformação. Analisar a importância do vínculo familiar afetivo, na criança, que influencia em sua personalidade e também em como irá se desenvolver ao longo da vida, viu-se como a base estruturante para a construção de uma psique saudável.

Por meio de uma análise da literatura, acerca do desenvolvimento infantil e das consequências do vínculo familiar não saudável, na vida adulta, uma ilustração de movimentos e acontecimentos relacionados ao desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, e a busca sobre um desenvolvimento saudável, foi possível perceber as vertentes atuais pela visão psicanalítica, por vieses de autores diversificados.

Contudo, a percepção de que as bases teóricas psicanalíticas sustentam e se complementam até a atualidade faz com que se estude e se aprofunde cada vez mais, pela visão dos diferentes meios e relações que se fazem presentes na atualidade. Valorizar os vínculos nas famílias e perceber a importância da primeira infância, como parte essencial do desenvolvimento infantil, traz muitos benefícios para a nossa sociedade, em atenção ao desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1988). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Aberastury, A. (1992). *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Aberastury, A. (1977). *El niño y sus juegos*. Buenos Aires: Editorial Atlántida.
- Aberastury, A. & Knobel, M. (1986). Adolescência normal. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p.13-24.
- Abreu, P. (1991). Distúrbio emocional em adolescentes e sua relação com disfunção familiar. *Revista de Psiquiatria do RS*, v.13, n.2.
- Ahrons, C. (1995). *O bom divórcio*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Almir P., Camila P., Fabiana C., & Zilda P (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Maringá: Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 1, p. 73-81.
- Ainsworth, M. (1963) & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, vol. 46, nº 4, pp. 333-341.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beavers, W.R. & Hampson, R.B. (1990). *Successful families: assessment and intervention*. Nova York: Norton & Company.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 202-260.
- Benedeck, T. & Anthony, J. (1970). *Parentalidade*. Buenos Aires: Assapia, Amorrurtu.
- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. (J. Salomão e P. D. Corrêa, trads.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962).
- Blos, P. (1965). The second individuation process of adolescence. *The Psycho. Study of the Child*, v. XXII.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Blos, P. (1985). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. & Cramer, B. G. (1989). *O primeiro relacionamento: pais, bebês e o drama do apego precoce*. EUA, Addison-Wesley Publishing Company Inc.
- Brazelton, T. (1987). O bebê: parceiro na interação. In: *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 9-12.
- Brazelton, T.B. (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Brasil. (1996). *Senado Federal*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9394/196. Brasília: Senado Federal.

- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecologia da família como contexto de desenvolvimento humano: perspectiva de pesquisa. *Psicologia do Desenvolvimento*, n.22, p.723-742.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Carnier, Alexander. (2020). Psicanálise: história, conceitos e autores da abordagem terapêutica. *Saúde Interior*, São Paulo.
- Casadore, Marcos Mariani & Hashimoto, Francisco. (2012). Reflexões sobre o estabelecimento de vínculos afetivos interpessoais na atualidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 12(1-2), 177-204. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 Abr. 2022
- Coll, Cesar; Marchesi, Álvaro & Palacios, Jesús (Org). (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Combrinck-graham, L. (1985). Um modelo de desenvolvimento para sistemas familiares. *Processo Familiar*, v.24, n.2, p. 139-150.
- Diane P. & Gabriela M. (2021). *Desenvolvimento Humano* - 14.ed. São Paulo: McGraw Hill Brasil.
- Dunn et al. (2000). Curso de vida de pais e companheiros e experiências familiares: vínculos com os pais relacionamentos infantis em diferentes contextos. *Revista de Psicologia Infantil e Psiquiatria*. n.8, p. 955-968.
- Enderle, C. (1985). O período pré-escolar. In: Enderle, C. *Psicologia do desenvolvimento: o processo evolutivo da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 51-63.
- Erikson, E.H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1959). *Identidade e o ciclo de vida*. Nova York: Norton. (Republicado, 1980).
- Erikson, E. H. (1964). *Percepção e responsabilidade*. Nova York: Norton.
- Erikson, E.H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. H. & Erikson, J. (1998). *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Emde, R. N. (1999). Seguindo em frente: integrando as influências dos processos afetivos para o desenvolvimento e para a psicanálise. *International Journal of Psychoanalysis*, v.80, n.2, p.317-339.

- Falceto, O.G. (1994). A questão do gênero em terapia familiar. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, v.4. f.5, p. 30-33. Publicação do Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro.
- Famílias com adolescentes: uma confluência de crises. In: Prado, L. C. (1996). *Famílias e terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), pág. 151-171.
- Terapia de família. In: Cordioli, A. V. (1997). *Psicoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 171-185.
- Falceto, O.G. & Waldemar, J. O. (1998). Terapia familiar: a família como porta de entrada para a abordagem ecológica da criança e do adolescente. In: Fichtner, N. (1998). *Prevenção, diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais da infância e da adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 239-249.
- Ferreira, A. C. C. & Pereira, J. K. (Org.). *O desenvolvimento segundo René Spitz*. Disponível em: <https://psiqueempalavras.blogspot.com/2018/05/o-desenvolvimento-segundo-rene-spitz.html>. Acesso em: 21 set. 2022.
- Fenichel, O. (1945) *Teoría psicoanalítica de las neuroses*. Buenos Aires: Paidós, 1946.
- Fichtner, N. (1996). A criança e o contexto sócio-familiar e escolar. In: Prado, L. C. (1996). *Famílias e terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), pág. 131-150.
- Fraiberg, S. H. (1980). *Estudos clínicos em saúde mental infantil*. Londres e Nova York: Tavistock Publications.
- Freud, A. (1946). *O ego e os mecanismos de defesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- Freud, S. (1915). O inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14. (1923)
- Freud, S. (1976). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.19.
- Freud, A. (1965). *The Writings of Anna Freud: Normality and Pathology in Childhood: assessments of development*. v. VI. International Universities Press.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v.4. (1917 (1916/1917]).
- Freud, S. (1976). Teoria geral das neuroses. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.16.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard das*

- Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1953). Three essays on sexuality. In: *The Standard Edition of The Complete Obras Psicológicas de Sigmund Freud* v.14. Londres: The Hogart Press. Trabalho original publicado em 1905.
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In *S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (pp. 81-108). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. O ego e o id (1923). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.19.
- Genep, V, A. (1960). *Os ritos de passagem: um estudo clássico das celebrações culturais*. Imprensa da Universidade de Chicago.
- Gomes, Nívea de Fátima & França, Cassandra Pereira. (2012). Ainda interpretamos crianças à maneira de Melanie Klein? *Estilos da Clínica*, 17(2), 290-305. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000200008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 Mai. 2022.
- Gabbard, G. (1999). Psicanálise. In: Kaplan & Sadock. (1999). *Tratado de psiquiatria*. 6.ed. Porto Alegre: Artmed Editora.
- GRABER, J. et al. (1997). Is psychopathology associated with the timing of pubertal development? *Journal of Academy Child Adolescent Psychiatry*, n.36, p. 1768-1776.
- Helman, C.G. (1994). *Cultura, saúde e doença*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Hishelwood, R. D. (1989). *Um dicionário do pensamento kleiniano*. Londres: Free Association Books.
- Imberblack, E. et al. (1998). *Rituais para os nossos tempos*. Nova York: Jason Aronson.
- Jorge, M. A. C. (2005). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kagan, J.; Reznick, J.S. & Snidman, N. (1988). Biological bases of childhood shyness. *Science*, n.240, p. 167-171.
- Kalina, E. (1999). *Psicoterapia de adolescentes: teoria, técnica e casos clínicos*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Kaplan, H.J. & Sadock, B. J. (1999). *Tratado de psiquiatria*. 6.ed. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Kaplan, H.; Sadock, B.J. & Grebb; J.A. (1997). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).

- Kapczinski, F. et al. (2000). *Bases biológicas dos transtornos psiquiátricos*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo, SP: Idéias & Letras.
- Kelly, J.B. (2000). Ajustamento infantil em casamentos e divórcios conflituosos: uma revisão de décadas de pesquisas. *Geléia. Acad. Criança e Adolescência. Psiquiatria*, v.39, n.8, p. 963-973.
- Klein, M. (1952). Observando a conduta de bebês. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1974. v.3.
- Lakatos, Eva Maria & Marconi, Marina Andrade. (1991). *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Leboci, S. (1983). *Le nourisson, la mère et le psychoanalyste: les interações precoces*. Paris: Editions du Centurion.
- Lebovici, S. & Diatkine, R. (1988). *Significado função do brinquedo na criança*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Levy, R. (1995). As relações amorosas na adolescência. *Revista de Psiquiatria do RS*, v. 17, n. 1,63-67.
- Levy, R. (1996). Refúgios narcisistas na adolescência: da busca de proteção ao risco de destruição: dilemas na contratransferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. XXX.
- Levy, R. (1998). Aquisição da identidade na adolescência, as confusões geográficas e a relação terapêutica. *Revista de Psiquiatria do RS*, v.20, n.3, p.16-21.
- Lewis, M. & Volkmar, F.R. (1993). *Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Lewis, M. & Wolkmar, F. (1993). *Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência: linhas evolutivas da teoria psicanalítica*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Lewis, M. & Wolkmar, F. (1994). Primeira infância: de um a três anos de idade. In: Lewis, M. & Wolkmar, F. (1994). *Aspectos clínicos do desenvolvimento da infância e adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p.158-176.
- Lidz, T. (1974). O ciclo de vida: introdução. In: Arietti, S. (1974). (ed.). *Manual americano de psiquiatria*. 2ª edição. Nova York: Basic Books, v.1. pág. 241-251.
- Lidz, T. (1983). *A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital. A adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Lloyd, C. (Criador) & Levitan, S. (Criador). (2009-2020). *Família Moderna*. (Vídeo).

- Estados Unidos: ABC. Disponível em: https://www.google.com/aclk?sa=l&ai=DChcSEwixqeyx57z4AhWqQUgAHd87DBkYABAAGgJjZQ&ae=2&sig=AOD64_2LlffqdKh1XAcjLYLvoeXtWCv6Zg&q&adurl&ved=2ahUKEwiosuWx57z4AhVdrpUCHdz3CawQ0Qx6BAgCEAE
- Mahler, M. S. (1975). On the current status of the infantile neurosis. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 23, 327-333.
- Mahler, M. S. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Jorge Zahar.
- Mahler, M. S. (1983). *As psicoses infantis e outros estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler, M. (1979). *O processo de separação e individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), 1982.
- Mahler, M.S., Pine, F. & Bergman, A. (1993). *O nascimento psicológico da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Mannheim, K. (1982). “O problema sociológico das gerações” [tradução: Cláudio Marcondes], In: Marialice M. Foracchi (org), Karl Mannheim: Sociologia. São Paulo, Ática, pp. 67-95.
- Mazet, P. & Stoleru, S. (1990). O bebê antes do nascimento. In: *Manual de psicopatologia do recém-nascido*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 20-25.
- Mazet, P. & Stoleru, S. (1990). Competências do recém-nascido e interações pais-recém nascido. In: *Manual de psicopatologia do recém-nascido*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p 26-32.
- Mazet, P. & Stoleru, S. (1990). Desenvolvimento afetivo e relacional. In: *Manual de psicopatologia do recém-nascido*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p 71-76.
- Mcgoldrick, M. et al. (1994). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Meltzer, D. (1978). *Seminários de Novara: teoria psicanalítica da adolescência*. Traduzido de Quaderni di Psicoterapia Infantile. Roma: Borla.
- Meltzer, D. (1989). Narcissism and violence in adolescents. In: *Sincerity and other works*. London: Karnac Books, 1994.
- Merli, L. F. (2012). *Quando a conjugalidade surge antes da parentalidade* (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, Brasil).
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).
- Mezan, R. (2006). Freud, pensador da cultura. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mota, Márcia Elia da. (2005). *Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica*.

- Temas em Psicologia*, 13(2), 105-111. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 24 ago. 2022.
- Nagera, H. (1991). The four-to-six stage. In: Greenspan, Spollock, G. *The course of life*. Madison: International University Press, v.3. p. 1-11.
- Naffah Neto, Alfredo. (2011). A função básica da mãe (e do analista) em bion e Winnicott, com foco nos conceitos de rêverie e holding. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(3), 119-131. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000300014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 Mai. 2022.
- Newcombe, N. (1999). A criança de dois e três anos. In: Newcombe, N. *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 186-209.
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Noshpitz, J.D. (1997). Heróis e super-heróis de fantasia. In: *Manual de Psiquiatria da Infância e Adolescência*. Nova York: Wiley, v.2, p. 44-47.
- Oferta, D. Desenvolvimento do adolescente: uma perspectiva normativa. In: Greenspan, S.I. & Pollock, G.H. *The course of life*. Adolescência. v. IV. International Universities Press, 1991.
- Osofsky, J. (1995). The effects of exposure to violence on young children. *American Psychologist*, v.50, n.9, p.782-788.
- O pai - conversa com Massimo Recalcati*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UdGmQQT5nxA&t=941s>
- Paiva, M. L. S. C. & Gomes, I. C. (2012). La transmission psychique et la constitution du lien conjugal. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 58(1), 81-90.
- Papalia, D. E.; Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2009) *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Pault & Hutchinson. (1986). El rol de la puberdade en el desarrollo psicosexual feminino. *Livro anual de psicoanálisis*, p. 143.
- Piaget, J. (1958). *O crescimento do pensamento lógico*. Nova York: Basic Books.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1999). *A psicologia da criança. O pré-adolescente e as operações proposicionais*. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.113-131.
- Piaget, J. (1937). *The construction of the reality in the child*. Nova York: Basic Books.

- Piaget, J. (1973). *O nascimento da inteligência da criança*. São Paulo: Editora Crítica.
- Piaget, J. (2004). *Seis estudos de psicologia*. Rio De Janeiro: Forense Universitária.
- Piotelli, A. (1992). *De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Prado, L.C. (1996). O bebê inaugura a família: a terapia pais-bebê. In: Prado, L. C. Famílias Familiares e terapeutas: construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), pág. 97-130.
- Ribeiro, Anna & Caropreso, Fatima. (2018). A teoria de Margaret Mahler sobre o desenvolvimento psíquico precoce normal. *Psicologia em Revista*, 24(3), 894-914.
- Rocca, W. (1999). "Dossiê MTV - Universo Jovem".
- Rotta, N. (1973). Desenvolvimento psicomotor. *Pesquisa Médica*, Porto Alegre, v. 9, n. 5. pág. 617-628.
- Rodriguez, B. C., Merli, L. F. & Gomes, I. C. (2015). Um estudo sobre a representação parental de casais homoafetivos masculinos. *Temas em Psicologia*, 23(3), 751-762.
- Shapiro, T. & Hertzig, M.E. (1992). Crescimento e desenvolvimento normais. In: Talbott Jhales, R.; Yudofsky, S. *Tratado de psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed), p. 69-92
- Sarnoff, C. A. (1976). *Latência*. Nova York: Jason Aronson.
- Sarnoff, C.A. (1987). *Estratégias psicoterapêuticas em anos de latência*. London: Aronson Inc.
- Murta, S. (2005). Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da Produção Nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), pp.283-291. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/Nq3zNj8Vt9qJnJLxV6dkcHh/?format=pdf&lang=pt>.
- Sameroff, A.J & Emde. R.N. (1989). *Distúrbios de relacionamento na primeira infância e abordagem desenvolvimentista*. Nova York: Basic Books.
- Santos, C. V. M. & Gomes, I. C. (2016). The L Word – Discussões em torno da parentalidade lésbica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 101-115.
doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000092014>
- Spitz, R. A. (1980). *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Spitz, R. (2013). *O primeiro ano de vida*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Tyson, P. (1993). *Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: uma integração*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul (Artmed).

- Vygotsky, L.S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1986). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Forces.
- Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2013). Vínculos amorosos contemporâneos frágeis. *Omnia Saúde*, 10(1), 36-45. Disponível em: http://www.fai.com.br/portal/ojs/index.php/omnia_saude/article/view/465/645. Acesso em: 15 out. 2022.
- Zimerman, D.E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed Editora.